

Transfiguração do Senhor Mt 17 1-9 Aqui são encontrados os pronunciamentos do Papa a respeito da Transfiguração no monte Tabor.

ÍNDICE GERAL

- 1 - **Transfiguração 1997** - Na manhã de domingo, 23 de Fevereiro, João Paulo II realizou a Visita pastoral à Paróquia de Santa Cruz, situada no bairro romano "Flamínio" e assistida pastoralmente pelos Padres Estigmatinos. Publicado no jornal "*L'Osservatore Romano*", edição semanal em português n.9 (1.420), 1 de março de 1997, pág. 3 (87).
- 2 - **Redescobrir o silêncio da contemplação** (Alocução do Ângelus de 23-02-97)
- 3- **Transfiguração 1996** - Na manhã do dia 6 de Agosto, festa da Transfiguração do Senhor, o Santo Padre presidiu à Santa Missa celebrada no pátio interno da residência pontifícia de Castel Gandolfo, para recordar o 1º aniversário da morte de Paulo VI. Publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português n. 32 (1.392), 10 de agosto de 1996, pág. 1 (373).
- 4 - **Transfiguração 1995 - Cristo chama-nos à esperança da ressurreição e da vida eterna** - Na manhã de II Domingo da Quaresma, 12 de Março, à Paróquia de Santa Joana Antida Thouret, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, n. 11 (1.319) de 18 de março de 1995, pág. 3 (115)
- 5 - Alocução mariana de domingo, 12 de março de 1995, publicada no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português em 18 de março de 1995.
- 6 - **Transfiguração 1994** - Com o nosso testemunho podemos transformar o mundo - *A exortação foi dirigida pelo Papa à comunidade da paróquia dedicada a Santo Alexandre, mártir do III século, onde o Papa realizou a sua habitual visita pastoral, na manhã de domingo, 27 de fevereiro. A celebração da Santa Missa teve lugar nas Catacumbas dessa Basílica paleocristã.* Publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, nº 11 (2.266) de 12 de março de 1994, pág.129 (5).
- 7 - **Transfiguração 1993** - Homilia da Missa na Paróquia romana da Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo, no bairro de Monteverde, em 7 de março de 1993, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 14 de março de 1993, nº 11 (1.114), pág. 3 (123).

8 - Transfiguração 1992 - Homilia da Missa na Paróquia romana de Jesus de Nazaré, no bairro de Verderocca, em 15 de março de 1992, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 22 de março de 1992, nº 12 (1.064), pág. 3 (147).

9 - Transfiguração 1991 - Homilia da Missa na Paróquia romana da Santíssima Trindade, em 24 de fevereiro de 1991, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 3 de março de 1991, nº 9 (1.109), pág. 3 (107).

10 - Transfiguração 1990 - À paróquia romana de São Policarpo, no bairro de Aqueduto Cláudio, em 11 de março de 1990, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 18 de março de 1990, nº 11 (1.060), pág. 17 (137).

11 - Transfiguração 1989 - À paróquia romana de Santa Maria "*Mater Ecclesiae*", localizada no bairro de Tor di Valle, em 19 de fevereiro de 1989, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 26 de fevereiro de 1989, nº 9 (1.005), pág. 9 (113).

12 - Transfiguração 1988 - À paróquia romana da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo em Torre Nova, no bairro de Giardinetti, em 28 de fevereiro de 1988, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 6 de março de 1988, nº 10 (954), pág. 7 (115).

13 - Transfiguração 1987 - À paróquia romana de Santa Maria Madalena de "Pazzi", em 13 de março de 1987, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 22 de março de 1987, nº 12 (904), pág. 3 (127).

14 - Transfiguração 1986 - À paróquia romana de São Filipe Néri, no bairro de Garbatella, em 23 de fevereiro de 1986, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 2 de março de 1986, nº 9 (849), pág. 4 (96).

15 - Transfiguração 1985 - À paróquia romana de São Tarcísio, no Bairro IV Miglio Appio, em 3 de março de 1985, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 10 de março de 1985, nº 10 (798), pág. 5 (113).

- 16 - Transfiguração 1984** - Homilia de 18 de março de 1984, domingo, dedicada aos trabalhadores para o seu Jubileu do Ano Santo, publicada no jornal *L'Osservatore Romano*, de 25 de março de 1984, nº 13 (747), pág. 7 (151).
- 17 - Transfiguração - 1982** - Homilia em 6 de março de 1982, na Basílica Vaticana, no rito da ordenação episcopal de Mons. Virgílio Noé, publicada no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, 143 de março de 1982, nº 11 (641), pág. 3 (135).
- 18 - Transfiguração 1981** - À paróquia romana de Nossa Senhora de Coromoto, no domingo, 15 de março de 1981, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 22 de março de 1981, nº 12 (590), pág. 9 (161).
- 19 - Transfiguração 1980 - Respondamos à pergunta sobre o que significa escutar a Cristo** - No domingo, 2 de março de 1980, o Santo Padre visitou a paróquia de São Roberto Belarmino, no bairro de Prioli, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português n. 10 (536) de 9 de março de 1980, pág. 9 (11).
- 20 - Transfiguração 1999 - Conhecer profundamente o Senhor e converter-se ao Seu amor** - Homilia do Santo Padre na Missa celebrada na Paróquia de Santa Maria "Stella Maris" (*L'Osservatore Romano* - 6 de Março de 1999)
- 21 - CATEQUESE - A glória da Trindade na Transfiguração** - Alocução da Audiência geral de quarta-feira, 26 de Abril de 2000 - OR n. 18 - 29-4-200 p. 12

1 - TRANSFIGURAÇÃO 1997

Publicado no jornal "*L'Osservatore Romano*", edição semanal em português n.9 (1.420), 1 de março de 1997, pág. 3(87).

Na manhã de domingo, 23 de Fevereiro, João Paulo II realizou a Visita pastoral à Paróquia de Santa Cruz, situada no bairro romano "Flamínio" e assistida pastoralmente pelos Padres Estigmatinos.

O ponto central desta visita foi a Concelebração eucarística. Em seguida, o Sumo Pontífice teve vários encontros com os fiéis pertencentes a diversos movimentos e organismos paroquiais.

Eis o texto da homilia pronunciada pelo Santo Padre:

1. *"Este é o Meu Filho muito amado! Escutai o que Ele diz" (Mc. 9, 7).*

As palavras, que ressoaram no momento do batismo de Jesus no Jordão (Mt. 3, 17), de novo escutamolas este dia no contexto da transfiguração do Senhor. "Jesus tomo consigo Pedro. Tiago e João ... e... transfigurou-Se diante deles ... Apareceu-lhes Elias juntamente com Moisés, e ambos falavam com Ele ... Pedro disse: "Senhor, bom é estarmos aqui; façamos três tendas: Uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias! (Mc. 9, 2-5). Naquele preciso instante ouviu-se uma voz: "Este é o Meu Filho muito amado. Escutai o que Ele diz!" (Mc. 9, 7).

Não durou muito tempo esta extraordinária manifestação da filiação divina de Jesus. Quando os Apóstolos ergueram de novos os olhos, já não viram ninguém senão Jesus, o Qual "ao descerem do monte, - prossegue o Evangelista - ordenou-lhes que a ninguém contassem o que tinham visto, senão depois de o Filho do Homem ter ressuscitado dos mortos" (Mc. 9, 9).

Assim, pois, neste segundo domingo da Quaresma, escutamos juntamente com os Apóstolos o anúncio da Ressurreição. Escutamolo enquanto nos encaminhamos com eles rumo a Jerusalém, onde reviveremos o mistério da paixão e morte do Senhor. É precisamente para este evento-chave da inteira economia salvífica que estão, de fato, orientados o jejum e a penitência deste tempo sagrado.

2. A transfiguração do Senhor, que segundo a tradição teve lugar no monte Tabor, põe em primeiro plano a pessoa e a obra de Deus Pai, presente, de modo invisível mas realmente, ao lado do Filho. Explica-se assim o fato que, tendo como pano de fundo o Evangelho da transfiguração, é colocado pela liturgia hodierna um episódio importante do Antigo Testamento, no qual a paternidade é posta em particular relevância.

A primeira Leitura, tirada do Livro do Gênesis, recorda-nos com efeito o sacrifício de Abraão. Ele tinha um filho, Isaac, que lhe nascera na velhice. Era o filho da promessa. Mas um dia Abraão recebeu de Deus a ordem de o oferecer em sacrifício. O patriarca ancião encontra-se diante da perspectiva de um sacrifício que para ele, pai, é certamente o maior que se possa imaginar. Contudo, não hesita nem um instante e, depois de ter preparado o necessário, parte juntamente com Isaac para o lugar estabelecido. Constrói um altar, dispõe a lenha e, tendo atado o menino, pegou na faca para o imolar. Só então é detido por uma ordem do alto: "Não levantes a tua mão sobre o menino e não lhe faças mal algum! Porque sei agora que, na verdade, temes a Deus, visto não me teres recusado o teu único filho" (Gn. 22, 12).

Tem algo de extraordinário este evento, no qual a fé e o abandono em Deus de um pai atingem o ápice. Com razão São Paulo chama a Abraão "pai de todos os crentes" (cf. Rm. 4, 11.17). A sua fé faz referêcia a religião hebraica e a cristã. Também o Alcorão não ignora a figura de Abraão. A fé do pai dos crentes é espelho no qual se reflete o mistério de Deus, mistério de amor que une o Pai e o Filho.

(...)

5. "*Deus, que não poupou o próprio Filho, mas O entregou por todos nós, como não havia de nos dar também, com Ele, todas as coisas?*" (Rm. 8, 32). Estas palavras de São Paulo na Carta aos Romanos levam-nos de novo ao tema fundamental da Liturgia hodierna: o mistério do amor divino revelado no sacrifício da Cruz.

O sacrifício de Isaac antecipa o de Cristo: o Pai não poupou o próprio Filho, mas O entregou para a salvação do mundo. Ele, que deteve o braço de Abraão no momento em que estava para imolar Isaac, não hesitou em sacrificar o próprio Filho para a nossa redenção. O sacrifício de Abraão põe assim em relevo que jamais e em lugar algum se devem realizar sacrifícios humanos, pois o único sacrifício verdadeiro e perfeito é o do unigênito e eterno Filho do Deus vivo. Nascido de Maria Virgem para nós e para a nossa salvação, Jesus imolou-Se voluntariamente uma vez para sempre, como vítima da expiação humana, pois aquele seu sacrifício na cruz abrange e supera todos os outros que o homem poderia oferecer a Deus. Estamos aqui no centro do mistério pascal.

Do Tabor, o monte da transfiguração, o itinerário quaresmal conduz-no até ao Gólgota, monte do supremo sacrifício do único Sacerdote da nova e eterna Aliança. Naquele sacrifício está contida a maior força de transformação do homem e da história. Assumindo sobre si todas as conseqüências do mal e do pecado, Jesus ressuscitará ao terceiro dia e sairá desta experiência

dramática como vencedor da morte, do inferno e de Satanás. A Quaresma prepara-nos para participar pessoalmente neste grande mistério da fé, que celebraremos no Tríduo da paixão, da morte e da ressurreição de Cristo.

Peçamos ao Senhor a graça de podermos preparar-nos de modo conveniente: "Jesus, Filho predileto do Pai, dai-nos a graça de Vos escutar e de Vos seguir até ao calvário, até à Cruz, a fim de podermos participar Convosco da glória da ressurreição".

Amém!

2 - Redescobrir o silêncio da contemplação

Alocução do Ângelus, 23 de fevereiro de 1997, publicada no jornal "*L'Osservatore Romano*", edição semanal em português n. 9 (1420), 1 de março de 1997, pág. 1 (87).

Caríssimos Irmãos e Irmãs

1. Neste segundo domingo da Quaresma, a liturgia apresenta-nos a Transfiguração no monte Tabor. É a revelação da glória que antecede aprova suprema da Cruz, antecipando a vitória da ressurreição.

Pedro, Tiago e João foram testemunhas deste extraordinário evento. O Evangelho hodierno narra que Jesus os chamou à parte e os levou Consigo *para uma alta montanha* (Mc. 9, 2).

A subida dos discípulos ao Tabor leva-nos a refletir sobre o itinerário penitencial destes dias. Também a Quaresma é um *caminho rumo ao alto*. É um convite para redescobrir o silêncio pacificador e regenerador da meditação. É um esforço de purificação do coração, do pecado que o sobrecarrega. É um itinerário certamente exigente, mas que orienta para uma meta rica de beleza, esplendor e alegria.

2. Na Transfiguração ouve-se a voz do Pai celestial: "Este é o Meu Filho muito amado. Escutai o que Ele diz!" (Mc. 9, 7). Nestas palavras encerra-se o inteiro programa da Quaresma: devemos colocar-nos à escuta de Jesus. Ele revela-nos o Pai porque, como Filho eterno, é "imagem do Deus invisível" (Col. 1, 15). Mas ao mesmo tempo, como verdadeiro "Filho do Homem", revela o que nós somos, revela o homem ao homem (cf. *Gaudium et*

spes, 22). Portanto, não tenhamos medo de Cristo! Ao elevar-nos à altura da sua vida divina, Ele não nos subtrai à nossa humanidade mas, ao contrário, humaniza-nos dando sentido pleno à nossa existência pessoal e social. Para esta redescoberta sempre mais viva de Jesus, chama-nos também a perspectiva do Grande Jubileu, que neste primeiro ano de imediata preparação se concentra principalmente na *contemplação de Cristo*: contemplação que se deve nutrir de Evangelho e de oração, acompanhando-se sempre por uma autêntica conversão e pela redescoberta constante da caridade como lei de vida quotidiana.

3. Caros Irmãos e Irmãs, contemplemos Maria, a *Virgem em escuta*, sempre pronta a acolher e guardar no coração cada palavra do Filho divino (cf. *Lc. 1, 51*). O Evangelho define-a "Bem-aventurada aquela que acreditou, porque vai acontecer o que o Senhor lhe prometeu" (*Lc. 1, 45*). A celestial Mãe de Deus nos ajude a entrar em profunda sintonia com a Palavra de Deus, de modo que Cristo Se torne luz e guia de toda a nossa vida.

3 - Transfiguração 1996

Publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português n. 32 (1.392), 10 de agosto de 1996, pág. 1 (373).

Na manhã do dia 6 de Agosto, festa da Transfiguração do Senhor, o Santo Padre presidiu à Santa Missa celebrada no pátio interno da residência pontifícia de Castel Gandolfo, para recordar o 1º aniversário da morte de Paulo VI.

1. "Senhor, é bom estarmos aqui; se quiseres, farei aqui três tendas; uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias" (*Mt. 17,4*).

Nas palavras de Pedro, testemunha privilegiada, juntamente com Tiago e João, da Transfiguração do Senhor, é expressa, além da maravilha jubilosa, a consciência de que só no encontro com Cristo, Homem novo, a vida encontra sentido pleno. A curiosidade do Apóstolo transforma-se assim no desejo de estar sempre com Ele.

A Liturgia, ao propor-nos hoje o evento da Transfiguração, convida também nós a dirigirmos o olhar da fé para além da quotidianidade das vicissitudes diárias, a fim de divisarmos o mistério de amor que as sustém: o mistério de Cristo pascal, coração da história

humana.

Ela indica-nos, além disso, a via-mestra para chegar a esta penetrante visão de cada evento humano: é o caminho da escuta da "palavra dos profetas", a qual é "como lâmpada que brilha num lugar escuro" (2 *Ped.* 1, 19). Confortados por essa luz, poderemos perseverar confiantes à espera de que "desponte o dia" e "a estrela da manhã" (cf. *ibid.*) nasça para trazer ao nosso coração alegria e paz imperecíveis.

2. Caríssimos Irmãos e Irmãs. Recordamos hoje o décimo oitavo aniversário da morte do meu venerado predecessor, o Servo de Deus Paulo VI. A singular coincidência da sua morte com a festa da Transfiguração solicita-nos a considerar quão profundamente ele viveu o mistério que comemoramos.

"Fixo o olhar no mistério da morte e daquilo que a segue, à luz de Cristo, o único por quem ela é esclarecida; e por isso faço-o com humilde e serena confiança. Reparo na verdade deste mistério, que para mim sempre se refletiu sobre a vida presente, e bendigo o vencedor da morte por haver afugentado as trevas e manifestado a luz" ("*Testamento de Paulo VI*": ed. port. de *L'Osservatore Romano* de 20.8.1978, pág. 8).

Estas palavras que o Papa Paulo VI nos deixou no seu testamento, confirma a lúcida visão dos eventos que a intensa familiaridade com Deus lhe oferecia, fazendo dele uma testemunha crível das realidades futuras. O encontro com o Senhor, centro das suas fadigas jornadas de pastor afligido pela preocupação dos irmãos, fazia-o haurir o sentido verdadeiro das coisas, sustentando-o na generosa doação de si mesmo a Cristo, para o bem do povo cristão.

À luz dessa esperança ele viveu o caminho, difícil e denso de graves responsabilidades, que lhe foi confiado pela Providência. Viveu-o no reconhecimento e na expectativa, ardorosa e vigilante, do encontro com o Pai celeste. Na contemplação do mistério de Deus, ele alimentava, além disso, a busca, por vezes pungente mas sem sujeições, do encontro com a cultura contemporânea, para oferecer a cada um no Evangelho perspectivas de salvação e de libertação da desorientação e do desespero.

Ao recordarmos ao Senhor o seu grande testemunho de fé e de caridade pastoral, que se manifestou com particular vigor diante do mistério da morte e do encontro supremo com Deus, confiamos ao Senhor a sua alma bendita, na confiança de que, depois de ter seguido fielmente a Cristo no caminho terreno, ele O contempla afora e para sempre na Pátria celeste.

4 - Transfiguração 1995 - Cristo chama-nos à esperança da ressurreição e da vida eterna

publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, n. 11 (1.319) de 18 de março de 1995, pág. 3 (115)

O Santo Padre realizou mais uma visita pastoral na sua diocese de Roma, indo na manhã de II Domingo da Quaresma, 12 de Março, à Paróquia de Santa Joana Antida Thouret. O ponto central desta visita do Papa foi a Santa Missa, logo após o caloroso acolhimento que lhe foi dado pelos fiéis. Terminada a celebração eucarística, João Paulo II encontrou-se com os vários Movimentos e Associações de apostolado, para dirigir a todos uma palavra de encorajamento e de bênção.

Apresentamos a seguir a homilia pronunciada durante a Santa Missa:

1. *"Não conteis a ninguém o que acabastes de ver, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos" (Mt. 17, 9).*

Com estas palavras termina o Evangelho da Transfiguração do Senhor, que se lê no segundo domingo da Quaresma. A transfiguração é um evento singular na vida de Jesus. Precisamente durante a oração no Monte Tabor, Cristo é glorificado pelo Pai. É um dos poucos momentos do Evangelho, em que fala o próprio Pai. Normalmente, Jesus fala ao Pai, ou então a Ele se dirige; neste caso, porém, é o próprio Pai que fala, como acontecera por ocasião do batismo junto do Jordão: "E da nuvem saiu uma voz que disse: "Este é o Meu Filho diletto, escutai-O" (Lc. 9,35).

No trecho evangélico, há pouco proclamado, contemporaneamente à voz do Pai acontece um singular transformação exterior, como que um "êxtase" muito particular; o rosto de Jesus muda de aspecto e a sua veste torna-se cândida e fulgurante. Desse modo, o Senhor é envolvido pelo próprio poder de Deus. Tudo isso é acompanhado pelo aparecimento glorioso de Moisés e de Elias, os quais falam da morte de Cristo que se realizará em Jerusalém. Certamente, trata-se aqui da sua morte mediante a paixão e a cruz, à qual seguirão a ressurreição e a ascensão ao céu. A Transfiguração no monte Tabor é, num certo sentido, a antecipação dessa morte gloriosa.

Jesus é glorificado diante dos olhos de Pedro, Tiago e João, que participam assim do caráter beatífico da Transfiguração do Senhor. É quanto exprimem as

palavras de Pedro: "Mestre, é bom que continuemos aqui"; e as sucessivas: "Façamos três tendas, uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias" (Lc. 9, 33). A presença destas duas importantes personagens da história sagrada, indica indiretamente que Jesus é a realização das expectativas por elas testemunhadas na Antiga Aliança.

2. *Porquê a Igreja nos propõe o Evangelho sobre a Transfiguração do Senhor, no início da Quaresma? Pode-se responder recordando que o período penitencial dos quarenta dias é, para a comunidade cristã, um tempo de preparação para a sua ressurreição. Pouco depois, com efeito, Jesus devia dirigir-se, juntamente com os Apóstolos, para Jerusalém a fim de ali enfrentar a paixão e a cruz. A Páscoa devia tornar-se para os Apóstolos a experiência fundamental. Cristo transfigura-se diante dos olhos deles, como que para antecipar essa experiência. Falando da paixão e da cruz, Jesus acrescentava sempre: e ao terceiro dia o Filho do Homem ressuscitará (cf. Lc. 9, 22). Na Transfiguração, este anúncio transforma-se na visão daquilo que será o corpo de Cristo após a ressurreição: será um corpo glorioso. O Pai, na sua providência, prepara assim os Apóstolos para a dolorosa experiência da Semana Santa. É como se quisesse dizer: sereis testemunhas dos terríveis sofrimentos do Filho, testemunhas da sua morte na cruz. Porém, não desanimeis! Tudo isto conduz à ressurreição.*

A Transfiguração do Senhor constitui um *sinal especial da economia salvífica de Deus*, que se revelou em toda a vida, na morte e na ressurreição de Cristo. Neste espírito São Paulo, ao escrever aos Filipenses, pode exortá-los a comportar-se segundo o modelo de Cristo, isto é, *a vencer em si mesmos, olhando para Ele, a hostilidade contra a cruz*, a fim de estarem dispostos a aceitá-la, sabendo pela fé que, precisamente nela, se encontra a esperança da ressurreição e o anúncio da salvação. Paulo termina esta exortação com palavras animadoras: "Permaneceu assim firmes no Senhor, caríssimos"! (Fil. 4,1).

3. Na carta aos Filipenses o Apóstolo tem afirmações que constituem como que *um comentário belo e completo ao mistério da Transfiguração do Senhor*. Esse mistério aproximou, sem dúvida, aos olhos dos Apóstolos a dimensão definitiva da vocação evangélica, que é a *vocação a viver em Deus*: "Nós, porém, somos cidadãos do Céu"- escreve o Apóstolo. E acrescenta: "É de lá esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Ele transformará o nosso corpo miserável, tornando-o conforme ao Seu corpo glorioso com o mesmo poder que Lhe permite sujeitar ao Seu domínio todas as coisas" (Fil. 3, 10.21). A Transfiguração do Senhor é sinal precisamente deste poder glorioso, entrado na história do homem juntamente com a vinda de Cristo. Ela tem o *poder de transformar a humanidade à semelhança de Deus mesmo, o poder de divinizar o homem*. A transfiguração do Senhor é sinal e símbolo deste poder de Deus.

O *Evangelho* não é apenas a palavra da verdade divina, é o poder de Deus que se manifesta na santificação do homem e de todo o seu ser, isto é, da alma e do corpo, mediante a graça de Cristo. No primeiro dia da Quaresma, ao receber as cinzas sobre a cabeça, escutamos as palavras: "*Recorda-te que és pó e em pó te hás de tornar*" (cf. Gn. 3, 19). Eis uma verdade óbvia sobre o corpo humano, sujeito à morte e à corrupção. Diante do caráter imediato desta verdade, Cristo testemunha a *realidade da ressurreição*. Cristo ressuscita, revelando assim que também os nossos corpos mortais são chamados à participação daquela glória que se manifestou no seu corpo.

O Evangelho da Transfiguração do Senhor, proclamado no início da Quaresma, indica que *todo o esforço ascético, ligado a este tempo*, está ordenado à transfiguração da nossa humanidade, à sua elevação em Deus. Certamente, com a ressurreição futura o nosso corpo mortal será admitido a participar da ressurreição e na glória de Cristo. É preciso acrescentar, neste momento, que o mistério da Transfiguração do Senhor é vivido com particular intensidade *na tradição da Igreja Oriental*, mediante significativas expressões presentes tanto na liturgia como na teologia.

4. Caríssimos Irmãos e Irmãs da paróquia de Santa Joana Antida Thouret! É-me muito grato celebrar juntamente convosco este segundo domingo da Quaresma.
(...)

A vossa paróquia, caríssimos, é jovem! Não só porque há muitos jovens, mas também porque ela surgiu recentemente, numa zona de novos conjuntos habitacionais na periferia de Roma. Faço votos por que possais crescer não só na organização e nas estruturas pastorais, sempre necessárias, mas sobretudo na vida espiritual e na oração. Podereis assim trabalhar eficazmente nos vários ambientes e transmitir aqueles valores fundamentais, em primeiro lugar a fé, dos quais a sociedade tem uma necessidade radical, para vencer o sentido de desorientação e enfrentar os não poucos dramas pessoais ou familiares, que o bem-estar material não pode resolver.

5 . "*Creio firmemente contemplar a bondade do Senhor na terra dos vivos*" (Sl. 26,13).

Caríssimos Irmãos e Irmãs! A perspectiva salvífica indicada pelo Evangelho da Transfiguração, encontra um vivo eco no Salmo responsorial deste domingo. O Salmo fala dos bens que nos provêm de Cristo glorificado. "A terra dos vivos" consiste precisamente em contemplar Deus face a face, mencionado de modo indireto pelo Salmista. Porventura não o evidenciam as palavras "O Senhor é a minha luz e a minha salvação; de quem terei eu medo? ... O meu coração pressente os meus dizeres:

"*Procurai a minha face! É a Tua face, Senhor, que eu procuro; não escondais de mim o Vosso rosto*" (Sl. 16, 1.8-9)? A profunda convicção de que a vocação humana é a contemplação eterna de Deus, a vida n'Ele e o ver a sua glória, face a face, permite ao homem superar o medo natural da morte e da destruição que ela comporta. Diz o Salmista: "O Senhor é a minha salvação, de quem terei eu medo?" (Sl. 26, 1). No contexto da inteira liturgia deste dia poder-se-ia explicar isto, do seguinte modo: não existem motivos reais para que o homem tema a destruição da própria humanidade com a morte do corpo. Deus mesmo, em Cristo, defende a vida que deu ao homem, e deseja para ele a participação da própria vida divina. Daqui deriva a exortação definitiva: "Espera no Senhor; sê forte e corajoso no teu coração. Espera no Senhor" (Sl. 26, 14)

Assim, pois, a hodierna liturgia quaresmal contém em si *uma particular mensagem de esperança*: exorta à *fortaleza na nossa existência*. Na sua Transfiguração Cristo dá-nos um sinal: chama-nos à esperança da ressurreição e da vida eterna, cujo anúncio é constituído por todo o seu mistério pascal.

"O Senhor é a minha luz e a minha salvação".

A nossa pátria está no Céu.

Amém!

5 - Alocução mariana de domingo, 12 de março de 1995, publicada no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português em 18 de março de 1995.

Hoje, segundo domingo da Quaresma, a Liturgia leva-nos a concentrar o olhar em Cristo transfigurado. Tendo vencido as tentações de Satanás, Jesus dirige-se para Jerusalém a fim de cumprir a vontade do Pai e doar a vida pela salvação do mundo.

A Transfiguração representa uma etapa fugaz desse itinerário, mas antecipa a meta e revela aos discípulos a verdadeira identidade do Redentor. Encorajados por essa experiência, os Apóstolos poderão enfrentar, no seguimento do Mestre, o difícil caminho que leva à Páscoa.

O mistério da Transfiguração oferece também a nós uma mensagem de esperança. Convida-nos a encontrar o Senhor e encoraja-nos, depois, a "descer do monte" para estar ao serviço dos irmãos com os olhos e o coração transfigurados. (...)

6 - Transfiguração (1994)

Publicado no jornal *L'Ossservatore Romano*,
edição semanal em português, nº 11 (2.266) de
12 de março de 1994, pág.129 (5).

Com o nosso testemunho cristão podemos transfigurar o mundo

A exortação a "transfigurar" o mundo segundo o exemplo dos primeiros cristãos, que pagaram a sua fé com o martírio, foi dirigida pelo Papa à comunidade da paróquia dedicada a Santo Alexandre, mártir do III século, onde o Papa realizou a sua habitual visita pastoral, na manhã de domingo, 27 de fevereiro. A celebração da Santa Missa teve lugar nas Catacumbas dessa Basílica paleocristã, um dos monumentos mais significativos da periferia romana, à qual assistiram centenas de fiéis, através de uma tela (de cinema) situada no exterior da pequena igreja paroquial.

Ouvimos a Palavra de Deus. Procuremos fazer uma síntese de quanto escutámos.

Vêm-nos à memória as palavras de São João: "Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho" (Jo. 3,16). É quanto nos quer dizer a Liturgia de hoje, sobretudo com a primeira leitura que fala de Abraão. Abraão estava decidido a dar o seu único filho.

Tratava-se de uma grande profecia. Não conhecemos as suas palavras; ele não escreveu livros, mas este gesto de estar pronto a dar o seu único filho, Isaac, em holocausto a Deus, já é uma enorme profecia que antecipa todo o mistério pascal.

O que é que o Evangelho de hoje nos quer dizer? Deus prepara-se para dar o Seu Filho unigênito, primogênito, Jesus. Ele prepara-se para este holocausto da semana Santa, do Tríduo Sagrado, e prepara também os seus Apóstolos. Por isso os levou consigo ao monte Tabor, e ali o Pai manifesta-lhes que Jesus é o Seu predileto: "Este é o Meu Filho muito amado" (cf. Mc. 9, 7). Manifesta-o aos dois Testamentos: fá-lo perante os profetas, fá-lo perante Moisés, Elias e, evidentemente, perante estes três Apóstolos escolhidos para serem testemunhas: Pedro, Tiago e João.

Jesus apareceu aos seus Apóstolos transfigurado, elevado ao céu na sua gloriosa imagem. Diz-se "transfiguração", figura celeste depois da figura terrena. A figura celeste de Jesus apareceu precisamente

no Monte Tabor. Os Apóstolos admiram-se e dizem: "É bom que estejamos aqui, deixa-nos aqui". E Jesus dirige-lhes palavras um pouco enigmáticas. Ordena-lhes que, antes da sua Ressurreição, não contassem a ninguém o que tinham visto.

Os Apóstolos interrogam-se sobre o que quer dizer Ressurreição, sobre o que significa ressuscitados. Significa estar morto primeiro? Jesus, com estas palavras enigmáticas, já prenunciava a semana Santa, a Sexta-feira santa, a Páscoa.

Assim a Igreja hoje, com estas leituras maravilhosas, prepara-nos para a solenidade pascal. Faz isto todos os anos. Quando eu era jovem, perguntava-me porque é que no segundo domingo da quaresma se fazia estas leituras, sobretudo o trecho evangélico da Transfiguração. Hoje compreendo bem que isto é devido ao mistério pascal e à preparação pascal da quaresma.

Que diz, depois, São Paulo na segunda leitura? São Paulo fala-nos quase todos os domingos. Diz-nos: quem nos separará do amor de Deus que está em Jesus Cristo, quem nos separará? São palavras ditas quase para este ambiente, para santo Alexandre, vosso padroeiro, jovem pouco conhecido, mas decerto uma grande figura porque o seu nome foi inserido no Cântico, na oração eucarística romana, no cântico romano que hoje recitaremos.

Não se sabe bem quem fosse este Alexandre. Vivia aqui, era jovem, estava ligado a Cristo com a sua fé e o seu amor, e deu a vida por Cristo. Foi isto que permaneceu na tradição romana e é o que nós hoje celebramos. Isto dá a possibilidade a São Paulo de se perguntar: quem nos separará? Que força teria podido separar Alexandre, originário do Agro (zona rural) romano, do amor de Cristo? Este amor é mais forte.

Eis caríssimos, durante a Quaresma, todos os anos, devemos recordar sempre, renovar a consciência de que o amor de Cristo é mais forte que tudo. Paulo pergunta-se: quem nos separará? O pecado? O pecado não é nada perante Ele. Sim, é uma culpa, pesa sobre a consciência do homem, mas não vale muito perante a Ressurreição, sobretudo a Paixão, a Cruz de Cristo, o amor de Cristo. Podemos eliminá-lo, podemos vencê-lo, podemos pedir perdão para ele.

Esta é a mensagem contínua da quaresma. Repete-se a cada ano, a todos e a cada um. Repete-se com a força dos nossos Santos, Apóstolos e Mártires, testemunhas da transfiguração.

Somos chamados a transfigurar-nos durante a Quaresma, a tornar-nos semelhantes a Jesus glorioso. Somos chamados também nós à glória, a participar na Sua glória. Eis o que nos diz a bonita liturgia deste Domingo.

Alegro-me por trazer esta mensagem aqui, a este ambiente maravilhoso, a esta basílica paleocristã ligada à memória de Santo Alexandre, e a estas catacumbas, que são todas testemunhos do heroísmo da vida cristã de tantos desconhecidos como Alexandre. Heroísmo da vida cristã que foi possível para eles e que o será também para nós, porque a graça de Deus é sempre mais forte.

Saúdo todos vós, juntamente com o Cardeal Vigário, o Bispo do Setor, o vosso pároco com o qual já falei da vossa comunidade. Saúdo toda a comunidade: famílias, jovens e crianças; saúdo também as Associações e as congregações de religiosas femininas; saúdo o *Opus Dei*, que também tem aqui uma residência.

Vêm-se tantas forças vivas que trabalham para a Ressurreição, para a Transfiguração do mundo, por um mundo melhor. Este trabalho é muito necessário. Deve-se mudar o mundo: não podemos permanecer na nossa velha forma, sem nos transfigurarmos. O mundo tem necessidade de profunda transfiguração, a que vem de Jesus.

São estas, caríssimos, as palavras que vos queria dizer, neste encontro que nos prepara para o Ofertório e para a Santíssima Comunhão eucarística com Cristo!

Seja louvado Jesus Cristo!

7 - Transfiguração - 1993

Homilia da Missa na Paróquia romana da Transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo, no bairro de Monteverde, em 7 de março de 1993, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 14 de março de 1993, nº 11 (1.114), pág. 3 (123).

"Jesus tomou Consigo Pedro, Tiago e João, seu irmão, e levou-os em particular a um alto monte. Transfigurou-se diante deles" (*Mt. 17, 1-2*).

1. Caríssimos Irmãos e Irmãs, no segundo Domingo da Quaresma, a liturgia faz-nos contemplar o mistério da Transfiguração de Cristo, recordado constantemente nesta vossa igreja pela grande tela que domina o altar. Trata-se de uma oferta de um dos meus predecessores, o Papa Pio XI, e é uma valiosa reprodução da obra-prima de Rafael. Domina a cena a figura de Jesus, de rosto resplandecente "como o sol" e com as vestes "brancas como a neve". Ele, diz o Evangelho, "transfigurou-Se diante deles". "Pedro e

os seus companheiros estavam a cair de sono - narra o evangelista Lucas - mas, despertando, viram a Sua glória e os dois homens que estavam como Ele " (Lc. 9,32). Trata-se de Moisés e de Elias, dois entre os maiores protagonistas da história da salvação, grandes amigos de Deus que guiaram o povo hebraico para acolher a Aliança e para lhe ser fiel, prefigurando nas ações e no ensinamento profético o futuro Messias.

2. "Senhor, é bom estarmos aqui" (Mt., 17, 4).

Podemos imaginar a admiração dos três discípulos perante a visão. Estavam habituados a ver Jesus no aspecto humilde da sua humanidade quotidiana, e como foi grande a sua admiração e emoção diante do esplendor de Jesus transfigurado! A proposta de Pedro, de erguer três tendas, uma para Jesus, uma para Moisés e uma para Elias, exprime o desejo de fazer perdurar o mais possível este momento de graça e de incontida alegria.

"Senhor, é bom estarmos aqui"! No Tabor, Jesus oferece aos discípulos prediletos *uma antecipação da glória da ressurreição*, uma abertura de céu sobre a terra, uma amostra do "paraíso".

Pedro "estava ainda a falar, quando uma nuvem luminosa os cobriu com a sua sombra, e uma voz dizia da nuvem: "Este é o Meu Filho muito amado, no Qual pus todo o Meu enlevo; escutai-O" (Mt. 17,5). Trata-se de uma verdadeira manifestação de Deus, que recorda as "teofanias" experimentadas pelos antigos patriarcas, é semelhante àquela ocorrida junto do rio Jordão, depois do batismo do Redentor. Como outrora, também aqui se revela *uma presença trinitária*: a voz do Pai, a pessoa do Filho encarnado e a nuvem luminosa, símbolo do Espírito Santo, assim como a pomba que pousou sobre Cristo batizado pelo precursor. Os sentimentos dos Apóstolos transformam-se: a alegria é substituída por um "grande temor"; caem por terra. "Aproximando-Se deles, Jesus tocou-lhes dizendo: "Levantai-vos e não tenhais medo". E, erguendo os olhos, apenas viram Jesus e mais ninguém" (Mt. 17, 7-8).

3. O mistério da Transfiguração realiza-se num momento muito preciso da pregação de Cristo, a saber, quando Ele começa a confidenciar aos discípulos que devia "ir a Jerusalém e sofrer muito, ... ser morto e, ao terceiro dia, ressuscitar" (Mt. 16, 21). Com relutância eles acolhem o primeiro anúncio da paixão, e o divino Mestre, antes de o reafirmar e confirmar, quer dar-lhes a prova do seu total enraizamento na vontade do Pai, para que diante do escândalo da cruz eles não venham a sucumbir. A *paixão e a morte serão de fato o caminho*, pelo qual o Pai celeste fará chegar à glória "O Filho predileto" ressuscitado de entre os mortos. Este será, de agora em diante, também o caminho dos seus discípulos. Ninguém chegará à luz senão através da cruz, símbolo do sofrimento que afligem a existência humana. A cruz é, assim, transformada em instrumento de expiação dos

pecados da humanidade inteira. Unido ao seu Senhor no amor, o discípulo participa na sua paixão redentora. Por isso São Paulo na leitura hodierna, exorta Timóteo com estas palavras: "Participa comigo nos trabalhos do Evangelho, confiando na força de Deus. Ele nos salvou e nos clamou para a santidade" (2 Tim. 1, 8-9). O sofrimento para o crente não é senão *uma passagem temporânea*, uma condição transitória. Jesus - reafirma o Apóstolo - "destruiu a morte e irradiou luz de vida e imortalidade por meio do Evangelho" (2 Tim. 1,10). O ponto de chegada da nossa existência é, por conseguinte, luminoso como o rosto do Messias transfigurado; n'Ele está a salvação, a bem-aventurança, a glória, o amor de Deus sem limites. Como, portanto, não havemos de estar prontos para o sofrimento que condiz a esta meta? Ele haure sentido do empenho em converter a nossa débil natureza humana às exigências do bem. Ele tem em conta as limitações físicas e espirituais das nossas pessoas e dos relacionamentos sociais quotidianos, corrompidos, infelizmente pelo egoísmo e pelo pecado, que tornam fadigoso os nosso caminho espiritual.

A Transfiguração mostra-nos, afinal, a perspectiva de uma mudança fundamental e sobrenatural ao mesmo tempo, de uma vitória e de um anúncio da Páscoa de Cristo, um anúncio da Cruz e da Ressurreição. Cristo já está transfigurado, aquele Cristo que, depois da sua Ressurreição, deverá ser visto com os próprios olhos pelos mesmos Apóstolos e por muitas outras testemunhas da sua Ressurreição. Testemunhas desta novidade do mundo que a sua Ressurreição inaugura e a Transfiguração prenuncia.

4. Caríssimos Irmãos e Irmãs, *Jesus deu-nos os meios* para enfrentar de maneira vitoriosa o bom combate da fé, na fidelidade à sua palavra e na humilde adesão à Cruz. Escutando assiduamente o Evangelho, celebrando o mistério salvífico, tornamo-nos capazes de anunciar e testemunhar a novidade cristã com uma disponibilidade generosa e pronta. Contudo, não sozinhos, mas inseridos no Corpo de Cristo, que é a Igreja, sacramento universal de salvação. *A Igreja é a grande comunidade dos crentes e Jesus Cristo*, guiada pelos Pastores por Ele escolhidos. Ele no seu amor pelos homens, *constituiu os Doze como suas testemunhas* e confiou-lhes a custódia da fé e a continuação da sua obra, sob a guia de Pedro. Os Apóstolos e os seus sucessores deram vida às Igrejas particulares entre as quais distingue a nossa Igreja de Roma, a diocese do sucessor de Pedro.

E assim a Igreja recebeu o mistério pascal de Cristo, a sua morte, a sua Cruz e a sua Ressurreição, e recebeu também este mistério da Transfiguração, prenúncio da vitória, de Cristo glorioso sob a condição humana débil e pecadora. Congratulo-me convosco, com esta paróquia, por terdes como mistério titular da vossa comunidade o mistério da transfiguração. Isto diz-nos tanto, traz-nos tanta esperança, dá-nos tanto sentido à nossa existência, aos nossos trabalhos, aos nossos

sofrimentos. Transfiguração: somos todos partícipes, somos todos destinatários desta transfiguração, na qual Jesus nos prenuncia a sua Páscoa e a vida eterna para cada um de nós. (...)

7. "Dai-nos, Senhor, a vossa força: em Vós esperamos!". Esta invocação, que há pouco repetimos no Salmo responsorial, nos acompanhe ao longo do caminho de conversão próprio da Quaresma.

Jamais o nosso olhar se desvie de Cristo: "Ele destruiu a morte e irradiou a luz de vida e imortalidade por meio do Evangelho" (2 *Tim.* 1,10).

Abrí-nos, ó Deus, à escuta do vosso Filho! Fazei que "aceitando na nossa vida o mistério da cruz, possamos entrar no glória do vosso reino" (coleta). Amém!

8 - Transfiguração - 1992

Homilia da Missa na Paróquia romana de Jesus de Nazaré, no bairro de Verderocca, em 15 de março de 1992, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 22 de março de 1992, nº 12 (1.064), pág. 3 (147).

Neste segundo domingo da Quaresma a liturgia apresenta-nos o episódio da Transfiguração do Senhor no monte Tabor, a qual atinge o seu ápice nas palavras do Pai: "Este é o Meu Filho dileto, escutai-O" (*Lc.* 9,35).

Contemplamos este evento emocionante no qual Jesus manifestou a sua glória, para predispor os discípulos prediletos para a difícil passagem da sua paixão. Lucas escreve: "Levando Consigo Pedro, João e Tiago, Jesus subiu ao monte para orar" (*Lc.* 9, 28). É uma característica de Lucas por em evidência a familiaridade de Jesus com a oração, como momento de solidão, de contemplação e de intimidade com o Pai. O Evangelista refere-nos que Ele estava em oração no Jordão, quando a voz do Pai se revelou pela primeira vez (3,21); antes de escolher os Doze, quando passou a noite em oração (6, 21); nos seus freqüentes retiros em lugares solitários (5, 5-16) e, sobretudo, no Getsemani, onde, "posto de joelhos, começou a orar, dizendo: "Pai, se quiseres, afasta de Mim este cálice" (22, 39/46)

Estes exemplos, e as frequentes exortações por Ele dirigidas aos discípulos, dizem-nos que a oração deve ter

o primeiro lugar na vida cristã, especialmente neste tempo da Quaresma, que é tempo privilegiado de comunhão com Deus.

2. No Tabor, precisamente enquanto Jesus orava, modificou-se o aspecto do Seu rosto e as vestes tornaram-se-Lhe de brancura fulgurante, e apareceram ao lado d'Ele dois homens, Elias e Moisés, que falavam "da Sua morte" que ia dar-se em Jerusalém" (Lc. 9, 31), isto é, da sua próxima paixão e morte. Moisés e Elias são personagens célebres no Antigo Testamento,; um o guia e legislador do povo, o outro, o profeta do fogo que destrói a iniquidade; duas prefigurações do Messias, novo libertador e portador do novo fogo da salvação à terra. A beleza da visão arrebatou os três Apóstolos. Pedro deseja prolongar o mais possível aquela experiência beatificante, e exclama: "Mestre ... , façamos três tendas, uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias" (Lc. 9,33). Mas enquanto falava veio uma nuvem e cobriu-os. Não vendo mais nada, sentiram medo, mas foram confortados pela voz do Pai.

O Tabor é *mistério de glória e de paixão*. Com efeito, São Lucas antes de descrever a transfiguração refere-se ao anúncio que Jesus faz da sua morte: "O Filho do Homem tem de sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas, tem de ser morto e, ao terceiro dia, ressuscitar" (Lc. 9,22). Também na cena da Transfiguração, a morte de Cristo aparece como o tema da conversa entre Moisés e Elias. Esta morte é chamada "êxodo", isto é, partida. Jesus "partirá" passando da paixão para a glória, da peregrinação terrena para o triunfo celeste.

Também o prefácio deste domingo recorda o ligame entre a paixão e a glorificação do Senhor: "Ele, tendo predito aos discípulos a própria morte, mostrou-lhes na montanha sagrada o seu esplendor, e ... indicou aos Apóstolos que só através da paixão é que podemos chegar com Ele à glória da ressurreição". É este último aspecto do mistério que prevalece na transfiguração.

3. Mas o episódio da transfiguração de Jesus é também fonte de fé particularmente significativa, uma etapa daquele itinerário de fé, ao longo do qual, com tanta paciência, o Senhor guiou os seu discípulos. A fé é a escolha de Deus acima das coisas visíveis. A fé é adesão a Ele com toda a alma. A fé permite ver, com o olhar de Deus, tudo o que existe. Sem fé não se pode agradar a Deus. Jesus pediu publicamente que cressem n'Ele. E os Apóstolos, depois de tantas hesitações, abraçaram finalmente a fé de modo total e irreversível até ao testemunho supremo do sangue.

A liturgia da Palavra insiste na fé, apresentando quer o exemplo de Abraão, que "confiou no Senhor e o Senhor outorgou-lhe isso como mérito" (Gen., 15,6), quer a exortação de São Paulo aos Filipenses, aos quais o

Apóstolo diz que só pela fé se pode permanecer firmes no Senhor e alcançar a pátria celeste, onde o nosso corpo miserável será *transfigurado*, isto é, tornar-se-á conforme ao Seu corpo glorioso (cf. *Fil.* 3, 20-21) (...)

Exorto-vos a viver intensamente o mistério da redenção, no espírito da antiga máxima ascética: **per crucem ad lucem!** É este mistério da paixão, morte e ressurreição de Cristo, que revivemos sobretudo neste tempo da Quaresma. É o mistério que revivemos nos sacramentos da fé. Descobri de novo, nestes santos dias, o sacramento da penitência ou reconciliação, que vos faz passar das trevas do pecado para a luz da graça e da amizade com Deus Pai. Vós estais bem conscientes da grande força espiritual que este sacramento tem para a vida cristã: ele vos faz crescer na intimidade com Deus, vos faz readquirir a alegria perdida e gozar da consolação de vos sentirdes pessoalmente acolhidos pelo abraço misericordioso de Deus.

Só assim podeis *transfigurar-vos*, como o Senhor no monte Tabor, e resplandecer de luz limpidíssima diante do mundo, que ainda não conhece o Senhor Jesus; só assim sereis um dia acolhidos pelo Pai, com as palavras dirigidas ao Seu Filho: "Este é o Meu Filho muito amado, no qual pus toda a Minha complacência" (*Mt.* 3,17). Amém!

9 - Transfiguração - 1991

Homilia da Missa na Paróquia romana da Santíssima Trindade, em 24 de fevereiro de 1991, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 3 de março de 1991, nº 9 (1.109), pág. 3 (107).

1. "Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João e levou-os a um monte elevado. E transfigurou-se diante deles" (*Mc.* 9, 2).

Caríssimos Irmãos e Irmãs, no itinerário penitencial da Quaresma, a liturgia hodierna, convida-nos a parar, a fim de contemplarmos a divina Transfiguração de Cristo.

Trata-se de um *evento-chave*, não só na experiência terrena de Jesus, Servo obediente e sofredor que se dirige para Jerusalém, a fim de levar a cumprimento, com o seu sacrifício pascal, a missão que Lhe foi confiada pelo Pai, mas também para a experiência de fé dos discípulos, que caminham com Ele para a mesma meta, e da inteira comunidade dos crentes que, "entre as

perseguições do mundo e as consolações de Deus, prossegue a sua peregrinação terrena" (Santo Agostinho, *De civ. Dei* XVIII, 51.2) rumo à Páscoa eterna.

2. Jesus, portanto, está indo para Jerusalém, onde deverá "sofrer muito, e ser rejeitado pelos anciãos, pelos príncipes dos sacerdotes e pelos escribas, e ser morto, e ressuscitar depois de três dias" (Mc. 8, 31). Ali, com efeito, há-de cumprir-se as antigas profecias que tinha prenunciado a vinda do Messias, não como dominador poderoso ou agitador político, mas como humilde e manso Servo de Deus, e dos homens, que deverá dar a sua vida em sacrifício, passando através da via da perseguição, do sofrimento e da morte.

Jesus tem diante de Si uma meta difícil, para a qual O impele a vontade de Deus e O orienta na sua vocação de "Servo" e prediz o seu epílogo trágico e doloroso ao mesmo tempo. A sua humanidade, para superar a prova, deve ser "confirmada" pelo amor poderoso do Pai e confortada pela solidariedade dos discípulos que caminham juntamente com Ele. E assim os introduz na compreensão daquilo que está para se realizar, para que se tornem seus "companheiros" no caminho que ele deverá percorrer até ao fim. Eles, com efeito, por palavras parecem dispostos a segui-l'O, mas, nos fatos, retiram-se temerosos e escandalizados.

Neste caminho para a Cruz há uma paragem. Jesus, com os seus discípulos mais fiéis, sobe ao monte e lá, por um momento, faz com que eles entrevejam o seu destino último": a gloriosa Ressurreição. Mas também lhes antecipa que é necessário antes segui-l'O pelo caminho *da Paixão e da cruz*.

3. Caríssimos Irmãos e Irmãs da paróquia da Santíssima Trindade, senti-vos também vós interpelados pelo evento da Transfiguração e pelo convite divino que vos solicita a segui-l'O.

A palavra da cruz deve transformar-nos não só a Vós, mas a Igreja inteira de Roma, que vive o *tempo favorável* da quaresma, comomomento *forte* daquele caminho de fé e de renovação que quer ser o *Sínodo pastoral diocesano*.

É muito importante que o itinerário espiritual e pastoral caracterize de modo indelével a existência de fé pessoal e a de toda a comunidade eclesial. O que deve ser posto no primeiro lugar é que é preciso ter constantemente presente, para não se desorientar e empreender caminhos errados, é a *escuta de Deus*. Só passando "através da morte é que podemos chegar ao triunfo da ressurreição" (cf. *Prefácio*).

A escuta é que define o discípulo e o torna servidor da verdade e da caridade de Deus. que se manifestou em plenitude em Cristo Jesus: "Prestai atenção e vinde a mim - diz-vos Ele através do profeta - e vivereis. Farei

convosco uma aliança eterna" (*Is.* 55,3).

Sem dúvida, o caminho é árduo; pede disponibilidade, coragem, renúncia, para poder fazer da própria vida, como Cristo fez da sua, um "dom" de amor ao Pai e aos irmãos. Só assim é que nos tornamos idôneos, pelo poder do Espírito, para anunciar o "Evangelho da Cruz" e para realizar aquela "nova Evangelização" que tem em Cristo crucificado e ressuscitado o seu *centro e fundamento*.

O anúncio do qual os discípulos são portadores, é exigente, difícil de compreender e sobretudo de acolher e viver. Mas eles não estão sós: estão em comunhão entre si e com Cristo, que morreu e ressuscitou, e agora, glorioso à direita do Pai, intercede por eles (cf. *Rom.*, 8, 34b).

Esta certeza, que se baseia na fé, enquanto nos consola no meio das dificuldades, incita-nos a nós, como filhos de Abraão, a esperar contra toda a esperança!

3. Precisamente para que esta esperança não desvaneça, mas aumente dia após dia, no caminho da escuta e do anúncio da "palavra da Cruz", é indispensável de vez em quando, caríssimos Irmãos e Irmãs, subir com Jesus ao monte e deter-se com Ele: a saber, tornar-se mais atento à voz de Deus e deixar-se envolver e transformar pelo Espírito. Numa palavra: é necessária a experiência da contemplação e da oração! "A oração, de fato, é um bem supremo. É ... uma comunhão íntima com Deus. Assim como os olhos do corpo, vendo a luz, se tornam por ela mais brilhantes, assim também a alma, que tende para Deus, é iluminada pela luz inefável da oração" (S. João Crisóstomo, *Hom.*, 6 sobre a oração).

Isto, obviamente, não para se evadir da dureza do quotidiano e para se esquivar dos compromissos onerosos do serviço ao homem, mas para gozar a familiaridade com Deus, para depois retomar, com renovado vigor, o caminho penoso da cruz, que leva à ressurreição. (...)

O Senhor, Jesus, que hoje vos convida a "transfigurar-vos", vos ajude a transformar e a melhorar a vossa vida à luz esplendorosa da sua graça.

6. Sim, caríssimos Irmãos e Irmãs, caminhai juntos diante do Senhor Deus na fidelidade a Cristo, não só neste tempo da quaresma, mas durante toda a vossa vida!

Deste modo, o vosso bairro e a vossa cidade de Roma tornar-se-ão deveras "a terra dos vivos", a saber, a terra em que Deus habita e continua a revelar-se no Seu Filho e na qual florescem a verdade, a esperança, o amor e a paz. Amém.

À paróquia romana de São Policarpo, no bairro de Aqueduto Cláudio, em 11 de março de 1990, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 18 de março de 1990, nº 11 (1.060), pág. 17 (137).

1. "Este é o Meu Filho muito amado, no Qual pus todo o Meu enlevo" (Mt. 17,5).

Caríssimos Irmãos e Irmãs, estamos na *segunda etapa do itinerário quaresmal* que nos conduzirá, renovados no espírito, a celebrar a páscoa de Cristo e nossa.

Domingo passado a liturgia apresentou-nos *Jesus tentado*, mas vitorioso sobre a tentação. À luz deste evento tomámos renovada consciência da situação de pecado, na qual está imerso o homem, mas recebemos também o anúncio da vitória sobre o mal, oferecida àqueles que empreendem o caminho da conversão e, como Jesus, se tornam disponíveis à vontade do Pai e se fazem obedientes à sua palavra.

Nesta segunda etapa, a Igreja indica-nos a *meta* do itinerário: *a participação na glória de Cristo*, tal como resplandece no seu rosto de Servo obediente, sofredor e glorificado.

A Transfiguração, com efeito, é prelúdio do mistério pascal que, tendo sido realizado em Cristo, deve cumprir-se em todos aqueles que caminham com Ele, como discípulos, pela via da cruz, para a plenitude de vida e para a imortalidade.

2. Como Pedro, Tiago e João, *subamos também nós ao monte* da Transfiguração e detenhamo-nos, em contemplação do evento, a fim de colher dele a mensagem e de a traduzir na nossa vida.

A Transfiguração coloca-se no ápice do ministério público de Jesus. Ele está a caminhar para Jerusalém, onde se cumprirão as profecias do "Servo de Deus" e se há-de consumir o seu sacrifício redentor. As multidões, ante a perspectiva de um Messias que contradiz as suas expectativas terrenas e nacionalistas, abandonaram-n'O. Os apóstolos também não compreendem o sentido das palavras, com que Ele anuncia o êxito da sua missão na paixão gloriosa.

Jesus revela então alguma coisa do seu "mistério" para confirmar os seus na fé e os encorajar a segui-l'O no caminho para Jerusalém. *Transfigura-se* diante deles: o Pai confirma a manifestação de amor que Lhe fizera no

início da sua missão, no batismo no Jordão, ao proclamá-l'O Filho-Servo, enviado ao mundo para realizar, por meio da cruz, o plano da salvação: o Espírito, no sinal da nuvem, encobre-O e envolve-O, a fim de que Ele possa dizer o último e definitivo "Sim" da sua obediência sacrificial.

Jesus aparece tal como o *ícone perfeito do Pai*, a irradiação da sua glória: centro e eixo de toda a história salvífica e cumprimento último da Revelação, iniciada com Moisés e prosseguida através dos profetas, dos quais Elias é o modelo.

3. No monte da Transfiguração as testemunhas do acontecimento não recebem apenas a revelação da verdadeira identidade do Messias: são também *destinatárias de um premente apelo*: "Escutai-O".

Palavra densa de conteúdo que, enquanto solicita ao "reconhecimento" de Cristo, como Salvador e Senhor, empenha também ao seu *seguimento*.

Escutar a Cristo, com efeito, comporta a *aceitação da lógica do seu mistério pascal*. A saber, é preciso por-se a caminho com Ele, para fazer da própria existência um "dom" de amor aos outros, em dócil obediência à palavra e à vontade de Deus, com uma atitude de separação de tudo e de todos e de liberdade interior. É preciso, por outras palavras, estar pronto a "perder a própria vida" para que se realize o plano divino da comunhão universal.

É este o *caminho da fé*, do qual Abraão é o iniciador e exemplo. Um caminho ao qual está ligada a "bênção" - dom do Espírito - e portanto a fecundidade. Quem caminha na fé, torna-se não só agradável a Deus, mas semente de uma nova humanidade.

A este caminho de fé e de vida nova os crentes são solicitados, de modo particular, nos quarenta dias da Quaresma, para se assemelharem cada vez mais a Cristo, Servo obediente e sofredor, e chegarem assim transfigurados n'Ele e com Ele, a renovar a aliança com Deus no mistério da Páscoa. Deste modo, o *itinerário quaresmal torna-se paradigma de toda a vida cristã*, e não só do cristão individualmente mas do inteiro Povo de Deus, peregrino no tempo rumo à páscoa eterna.

4. A comunidade dos batizados, salvos pelo amor de Deus e "chamados com uma vocação santa" (*II leitura*), deve sentir-se fortemente interpelada pelo apelo divino a escutar a Cristo e a seguí-l'O no caminho de conversão que, mediante a paixão, conduz à glória da ressurreição.

Deveis sentir-vos provocados, particularmente vós, caríssimos Irmãos e Irmãs da paróquia de São Policarpo. E convoco a Igreja inteira de Roma, empenhada no caminho da preparação do *Sínodo pastoral diocesano*. (...)

7. Caríssimos Irmãos e Irmãs da paróquia de São Policarpo, a antífona da celebração eucarística da hoje põe em nossos lábios a súplica do Salmo 26: "É a Vossa face, Senhor, que eu procuro: não escondais de mim o Vosso rosto".

Esta oração já foi atendida: no rosto transfigurado de Cristo, o Pai manifestou-nos o seu amor, indicando-nos a meta não só do caminho quaresmal mas de toda a vida cristã: "Este é o Meu Filho muito amado ...: escutai-O" (Mt. 17,5).

Escutemos, pois, a voz divina que nos chama a seguir Cristo, a tornar-nos cada vez mais seus discípulos, a fazer de toda a nossa existência um caminho de fé, de conversão e de vida nova. Escutemo-l'O, para sermos definitivamente transfigurados n'Ele, quando Ele vier na glória e nos será dado contemplar sem véus o rosto de Deus. Amém.

11 - Transfiguração 1989 - À paróquia romana de Santa Maria "Mater Ecclesiae", localizada no bairro de Tor di Valle, em 19 de fevereiro de 1989, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 26 de fevereiro de 1989, nº 9 (1.005), pág. 9 (113).

1. "Naquele dia, o Senhor estabeleceu aliança com Abrão" (Gen. 15, 18).

A liturgia deste Segundo Domingo da Quaresma convida-nos, nas leituras, a considerar à luz da nossa fé o mistério da Aliança de Deus com o homem. O início desta Aliança está ligado com Abrão, como é recordado pela primeira leitura, tomada do Livro do Génesis.

Deus diz-lhe: "*Eu sou o Senhor que te mandou sair de Ur, na Caldéia, para tomardes posse desta terra (Gen. 15, 7). A terra que se estende "do rio do Egito até ao grande rio, o Eufrates" (Gen. 15, 18). Eis o berço do povo da Aliança - dos descendentes de Abrão, antes de tudo dos herdeiros da sua fé. Deus aponta as estrelas espalhadas pelo céu e diz ao Patriarca: "Assim numerosa será a tua descendência" (cf. Gen. 15,5).*

De fato, à fé de Abraão se referiam quer os Israelitas quer os cristãos, e a ela fazem referência também os muçulmanos. São Paulo chama-lhe *pai da nossa fé*

(cf. Rom. 4,11). A fé é o fundamento da Aliança de Deus com o homem: os que acolhem com a fé a Palavra de Deus, entram na Aliança com Ele.

2. A liturgia hodierna une nas suas leituras o *início da Aliança*, isto é, por assim dizer, o seu *primeiro ato* com o último. Esta *Aliança definitiva* é por Deus estabelecida com a humanidade no *Verbo Encarnado*: no Eterno Filho que se fez homem. Ele nasceu e viveu no meio do Povo da Antiga Aliança, de Israel, para instituir a Aliança Nova e Eterna, cumprindo a sua missão messiânica.

De fato, no *monte Tabor* encontram-se com Cristo os Apóstolos: Pedro, Tiago e João, e contemporaneamente, no momento da Transfiguração, aparecem Moisés e Elias, testemunhas da antiga Aliança.

Diante deles e dos Apóstolos, a quem será confiado o Evangelho, o *próprio Pai dá testemunho de Cristo*: "Ele é o Meu Filho dileto, escutai-O" (Lc. 9, 35).

A história da Aliança, que inicia juntamente com a vocação de Abrão, conduz através do monte da Transfiguração para o monte da Crucifixão. A Transfiguração prepara os Apóstolos para a experiência da sexta-feira Santa. *Aquele que na Cruz oferecerá a vida*, sofrendo uma morte infamante é o *Filho dileto* do Pai. N'Ele a Aliança de Deus com o homem alcançará o seu ápice.

3. *A Aliança é a iniciativa de Deus em relação ao homem.*

Deus criou o homem à sua imagem e semelhança, e por isto o tornou capaz de aceitar a sua iniciativa salvífica.

Como imagem de Deus, o homem traz em si o *espaço da imortalidade*, que só Deus pode preencher com a sua presença, com a sua vida inefável, doando-se ao homem em toda a verdade da sua divindade. Deste modo, Deus, que é Amor, deseja dar-SE a si mesmo ao homem.

E o homem traz em si o *desejo* profundamente escondido, de "ver" Deus, como é testemunhado pelas palavras do Salmo nesta Liturgia: "É a tua face, Senhor, que eu procuro; não escondais de mim o Vosso rosto. Não afasteis com ira o Vosso servo: Vós sois o meu amparo" (Sl. 26/27, 8-9).

O homem foi abraçado pela *iniciativa de Deus*. Ele vive na *dimensão da Aliança*. O seu coração está irrequieto enquanto não repousar em Deus (como ensinava o grande Santo Agostinho). O seu maior temor nasce da possibilidade de ser repellido por Deus na eternidade. Isto constitui a trágica perspectiva da morte eterna, enquanto a *esperança da vida* está inseparavelmente ligada com o desejo de ver Deus:

"O meu coração pressente os teus dizeres: 'Procurai a minha face!"; e em seguida:

"Creio firmemente poder *contemplanar a bondade do Senhor na terra dos vivos* (Sl. 26/27, 8,13).

4. Vivendo aqui, sobre a terra, numa tal perspectiva definitiva, o homem deve *maturar no encontro com Deus "face a face"*, na união com Ele. Deve *"transfigurar-se"* profundamente em toda a sua humanidade.

E por esta razão, no nosso caminho quaresmal aparece hoje o *monte da Transfiguração*.

São Paulo na Carta aos Filipenses relê o significado desta Transfiguração de Cristo, como uma *chamada* feita a toda a nossa humanidade.

Eis as suas palavras: "*O Senhor Jesus Cristo transformará o nosso corpo miserável, tornando-o conforme ao Seu corpo glorioso com o mesmo poder que Lhe permite sujeitar ao Seu domínio todas as coisas*" (Fil. 3, 21).

O monte da transfiguração é prenúncio da ressurreição de Cristo. A *sua ressurreição* abre diante do homem a última perspectiva da Aliança: a "glorificação" do inteiro ser humano, espiritual e corporal, em Deus. A perspectiva, que o Símbolo dos Apóstolos exprime com as palavras: "*Creio na ressurreição da carne*".

5. Todavia, o monte da Transfiguração *prepara, ao mesmo tempo, para o monte da Crucifixão*: para o Gólgota. A ressurreição de Cristo passará através da sua espoliação e da sua morte.

Os apóstolos, que no monte da Transfiguração exclamam: "*Mestre, é bom que continuemos aqui*" (Lc. 9, 33), depois tiveram de experimentar a infâmia da morte de Cristo na Cruz. *Por esta via Ele entrou na sua glória* (Lc. 24, 26).

É por esta razão o apóstolo Paulo, com grande firmeza, exorta os destinatários da sua Carta a fim de que os seus pensamentos e atos não se separem da Cruz, a fim de que eles *não se comportem "como inimigos da cruz de Cristo"* (Fil, 3, 18), *como fazem aqueles que "só cuidam do que é terreno"* (Fil. 3, 19).

A Aliança de Deus com a humanidade, em definitivo, efetuou-se por meio da Cruz: no mistério pascal de Nosso Senhor Jesus Cristo.

E mediante a Cruz, todos nós somos abraçados pelo poder salvífico desta Aliança.

6. Hoje, juntamente com a Igreja em toda a terra, nós meditamos estas grandes verdades da catequese

litúrgica do tempo da Quaresma, aqui nesta Paróquia de Santa Maria "*Mater Ecclesiae*".

A Cruz , de fato, é o símbolo da fé cristã, é o emblema de Jesus crucificado e ressuscitado por nós. A Cruz, portanto, deve marcar as etapas do nosso itinerário quaresmal, para nos ensinar a compreender cada vez mais a *gravidade* do pecado e o *valor* do Sangue, com o qual o Redentor nos lavou e purificou. Sejamos discípulos do Crucificado não só durante a piedosa prática da *Via Crucis*, que é própria do tempo quaresmal, mas também na nossa meditação e oração, até chegarmos a um só sentir e a uma comunhão íntima com Cristo. Com efeito, como diz o apóstolo Pedro: "Alegrai-vos em ser participantes dos sofrimentos de Cristo, para que vos possais alegrar e exultar no dia em que for manifestada a Sua glória" (1 *Pedr* 4, 13).

7. (...) Este tempo da Quaresma sirva para fazer refletir sobre as razões últimas da nossa vida, ajude a um bom exame de consciência para verificarmos se somos cristãos coerentes, que sabem assumir com coragem a própria responsabilidade diante de Deus e dos homens. Seja também para nós este um tempo de transformação interior, de melhoramento e de *transfiguração* espiritual, de maneira que cheguemos a celebrar a Páscoa interiormente renovados, como *ressuscitados* para a vida nova.

8. Caros Irmãos e Irmãs!

Deixemos que durante a Quaresma nos fale, a nós, de modo particular, o poder salvífico da Aliança de Deus com o homem, a qual encontra o seu ápice em Cristo.

Como os Apóstolos, procuremos também nos preparar-nos *mediante a Transfiguração de Cristo, para o mistério pascal*: para a Cruz e a Ressurreição.

Mediante tudo isto, reavive-se em nós a consciência da vocação à união com Deus, no Qual o "irrequieto coração humano" deve encontrar aquela realização, que não pode ser alcançada nas realidades temporais.

Portanto, repitamos com o Salmista:

"*Espera no Senhor; sê forte e corajoso no teu coração. Espera no Senhor*" (Sl. 26/27, 14).

Amém.

==+==+==+==+==+==+ ==+==+==+==+==+==+ ==+==+==+==+==+==+
==+==+==+==+==

12 - Transfiguração 1988

À paróquia romana da Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo em Torre Nova, no bairro de Giardinetti, em 28 de fevereiro de 1988, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 6 de março de 1988, nº 10 (954), pág. 7 (115).

1. *"Este é o Meu Filho muito amado. Ouví-O!"* (Mc. 9,7).

A teofania sobre o monte da Transfiguração. As palavras que chegam aos ouvidos dos Apóstolos Pedro, Tiago e João, deslumbrados com a visão, são *as palavras do Pai*. Nelas, Ele revela-Se a Si mesmo e a seu Filho. Assim ocorreu por ocasião do batismo de Jesus no rio Jordão. Agora, a situação é diversa e diferente é o momento.

Então, João Batista indicara "o Cordeiro de Deus ... que tira o pecado do mundo" (Jo. 1,29). Agora, *os caminhos de Jesus aproximam-se do momento* em que os pecados do mundo devem ser efetivamente tirados por Ele. Este será o momento do despojamento, o momento da *elevação* no monte Gólgota, o momento que, sob o ponto de vista humano, constitui a humilhação mais profunda: a *"kenosi" da Cruz*.

Quando terminou a Transfiguração, Jesus ordenou aos Apóstolos que não dissessem nada a ninguém, *"senão depois de o Filho do Homem ter ressuscitado dos mortos"* (Mc. 9,9). Entretanto, eles discutiram uns com os outros "o que seria ressuscitar dentre os mortos" (Mc. 9,10). Nem sequer eles sabiam nem pressentiam que isto se devia realizar *à custa da Cruz e da morte*.

2. *A liturgia do segundo Domingo da Quaresma* prepara-nos para o mistério da Cruz de Cristo sobre o Gólgota, para os acontecimentos pascais e, antes, conduz-nos ao monte da Transfiguração. Do mesmo modo, com o qual *Cristo preparou os seus Apóstolos*.

E não somente Cristo, mas também o *Pai celeste*. A liturgia deste Domingo apresenta-se-nos no seu conjunto como centrada *no mistério do Pai*. *É o mesmo Pai que "amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho único"* (Jo. 3,16).

No sacrifício de Abraão descrito no Livro do Génesis, encontra-se a figura que prenuncia este mistério do Pai e do Filho. Também naquele fato há um monte situado no território de Mória, ao qual Abraão sobe com o

filho Isaac: o único filho da promessa.

Deus pediu o sacrifício deste filho, tão longamente esperado antes, e por conseguinte tão amado: deste filho a quem estavam unidas todas as esperanças de Abraão. Contudo, quando Deus pediu um tal sacrifício, Abraão não hesitou em o fazer. Estava disposto a sacrificar o seu único filho.

No momento em que Abraão ergue o cutelo para realizar o gesto de "degolar o filho" (Gene. 22,10) - Deus, por meio do Anjo, reteve-lhe a mão. Aceitou o sacrifício do coração e não permitiu a imolação do filho. "Sei agora que, na verdade, temes a Deus, visto não me teres recusado o teu único filho" (Gen. 22,13). Poderíamos acrescentar: "Tu amas a Deus mais que a teu filho".

3. Quão próximos estamos, neste ponto, do mistério do Pai celeste, deste Pai, "que não poupou o próprio Filho, mas O entregou por todos nós", como escreve o apóstolo Paulo na sua Carta aos Romanos (8,32).

E ele acrescenta: " Como não havia de nos dar também, com Ele, todas as coisas?" (Ibidem). O sacrifício da Cruz é o sacrifício da satisfação e expiação. Nele estão contidas a redenção e a remissão dos pecados.

Sob muitos pontos de vista, o Apóstolo penetra no significado e nos frutos deste sacrifício, quando insiste em perguntar:

"Quem acusará os eleitos e Deus? Deus, que os justifica? Quem os condenará? Cristo Jesus que morreu, e ainda mais, que ressuscitou. Ele que está à direita de Deus. Ele que intercede por nós? (Rom. 8, 33-34).

4. Pode-se dizer que estas perguntas - tão características para Paulo - nos introduzem em toda a perspectiva do mistério pascal.

O Pai Celeste não poupou o próprio Filho Unigênito, não O salvou da morte de Cruz, na qual consistia o sacrifício. Mas, precisamente como sacrifício, que o Filho sofreu voluntariamente, ele tornou-se fonte da nossa justificação. Fomos comprados por grande preço (cf. Cor. 7,23).

Tendo parte na redenção mediante a Cruz de Cristo, fomos chamados a participar também da vida nova que se revelou por meio da ressurreição.

Pode-se dizer que aqui se abrem, diante do nosso espírito humano, verdadeiras profundezas, profundezas insondáveis". A Quaresma é o tempo de coragem espiritual, para entrarmos nestas profundezas, das quais emerge a verdade definitiva acerca de Deus e do homem. A

verdade que verdadeiramente nos faz livres.

A isto é chamado no atual período todo o cristão e toda a comunidade cristã. De modo particular, é chamada a *vossa Paróquia*, na ocasião da hodierna visita do Bispo de Roma.

5. Sem hesitação algum respondi, caros irmãos e irmãs, a este chamamento, realizando sem hesitação - segundo o espírito da quaresma - aquele Êxodo espiritual do pecado e do egoísmo, para *progredirdes na fé*, que é escuta e obediência, livre consentimento e abandono cheio de confiança.

Quando o cristão se põe no seguimento da Verdade, ele alcança a sabedoria do coração e, humilde e arrependido, abre-se ao Redentor, recebendo, juntamente com o seu perdão, a sua bênção consoladora. (...)

Dirijo a minha saudação cordial a todos os irmãos e irmãs da Paróquia da Ressurreição e a cada um de vós, meus caros, desejo recordar o dever de vos empenhardes apostolicamente a fim de que, depois de terdes acolhido a Palavra que é Espírito e Vida, realizeis o desígnio de salvação onde o Senhor vos colocou. E isto acontecerá, se tomardes do confessionário a remissão das culpas, e do altar o Pão eucarístico, para serdes de maneira cada vez mais eficaz pedras vivas daquele edifício espiritual, que é Casa do Pai e habitação para todos os homens. (...)

7. Voltemos, por fim a meditar ainda *nas palavras do Salmista*, escutadas na liturgia deste dia:

"Conservo a confiança, mesmo quando disser: 'a minha aflição é deveras grande' ". (Sl. 115/116, 10).

O Salmista não fala porventura, também aqui, *da fé* de Abraão, que, "contra o que podia esperar, acreditou" (Rom. 4,18) e assim se tornou pai de todos os crentes (cf. Rom. 4, 11,16)?

Abraão diz:

"Cumprirei com as minhas promessas ao Senhor" (Sl. 115/118, 14).

Cumprirei...

"Eu sou Vosso servo" (Sl. 115/116, 16).

Abraão, o servo de Deus da Aliança. Abraão, o amigo de Deus. Abraão, a imagem do Pai, que "de tal modo amou o mundo que lhe deu o Seu Filho único" (Jo. 3,16).

Não já apenas Isaac, *mas Cristo*.

"Se Deus está de modo tão forte, tão fortemente conosco, quem será contra nós"? (cf. Rom. 3,31).

Abraão - figura do Pai.

Deste Pai, que no monte da Transfiguração, Se revela na voz: "*Este é o Meu Filho muito amado. Ouvi-O!*"

(Mc. 9,70.

Com estas palavras, Ele prepara os Apóstolos para o mistério que estará contido nos acontecimentos da Páscoa de Jerusalém.

"*Ouvi-O!*".

Eis a *obediência da fé* de todos os discípulos - que, mediante tal virtude, são ao mesmo tempo a descendência de Abraão - , *obediência que se baseia, de geração em geração, na eloqüência da Cruz e da Ressurreição, mediante as quais o Filho revelou até ao fundo o amor do Pai.*

=====
=====

13 - Transfiguração 1987

À paróquia romana de Santa Maria Madalena de "Pazzi", em 13 de março de 1987, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 22 de março de 1987, nº 12 (904), pág. 3 (127).

1. "*Não conteis a ninguém o que acabastes de ver, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos*" (Mt. 17,9).

Na liturgia do segundo Domingo da Quaresma escutamos as palavras dirigidas por Jesus aos três Apóstolos, enquanto desciam *do monte da Transfiguração*. Os três eram: Pedro, Tiago e João. Jesus os fizera testemunhas da visão, isto é, da "teofania" que teve lugar neste monte conhecido como o monte Tabor.

O fato de a Igreja cada ano, nos recordar a Transfiguração do Senhor na *liturgia quaresmal*, precisamente no segundo Domingo, indica-nos que a Quaresma *é uma preparação para o mistério pascal na sua plena dimensão*. Não só para a Paixão, mas também para a Ressurreição de Cristo.

Em resumo, a Teofania da Transfiguração do Senhor no monte Tabor prepara os Apóstolos para a Cruz no Gólgota, *na perspectiva da Ressurreição*. Cristo pede que eles conservem o segredo acerca do tema do acontecimento do monte Tabor, "até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos".

2. A liturgia de hoje consente-nos não só reler, no seu desenvolvimento, este acontecimento extraordinário, mas também nos faz *remontar ao início* do caminho pelo qual o Deus da Aliança conduz o seu Povo ao mistério pascal de Cristo. De fato, este mistério é, em tal caminho, o ápice e o cumprimento de todos os prenúncios e de todas as promessas de Deus.

Portanto, hoje meditamos não só na teofania da Transfiguração em que aparecem aos Apóstolos Moisés e Elias, que falam com Cristo, mas também na figura de Abraão, apresentado na primeira leitura tirada do Livro do Génesis.

Deus diz-lhe: "Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar" (Gen. 12,1). E Abraão põe-se a caminho, dando assim início à peregrinação na fé, na qual participa o inteiro Povo de Deus.

Com efeito, Deus diz: "Farei de ti um grande povo... e serás uma fonte de bênçãos", Ou melhor: "e todas as famílias da terra serão e ti abençoadas" (Gen. 12, 32-3_).

O ápice desta bênção é precisamente Cristo: o seu mistério pascal.

3. Ele, com efeito, é o "Filho muito amado" de Deus. Na teofania, que teve lugar no monte da Transfiguração, são repetidas as mesmas palavras que tinham sido pronunciadas por ocasião do Batismo de Jesus no Jordão, no início da sua atividade messiânica em Israel.

"Este é o Meu Filho muito amado, no Qual pus todos o Meu enlevo, escutai-O" (Mt. 17,30).

À voz vinda de uma nuvem, as palavras pronunciadas pelo Pai, parecem, neste momento, particularmente necessárias. Pois se aproxima a hora decisiva em que este Filho será escarnecido, flagelado e crucificado. Os mais vizinhos, até mesmo os Apóstolos, hão-de passar por uma grande prova. Poderão até perder a esperança em Cristo. A voz vinda da nuvem, se por uma lado reconfirma a verdade acerca do Filho muito amado, *por outro, parece por de sobreaviso*, como que prenunciando o momento em que esta "predileção" do Pai será confirmada pela ressurreição.

Já outrora - aos olhos dos três Apóstolos - *Jesus se transfigurara*. "O seu rosto resplandeceu como o sol e as

suas vestes tornaram-se brancas como a luz (Mt. 17,1). De igual modo transfigurado, voltará aos Apóstolos, depois da ressurreição.

Assim, a "visão" - a teofania do monte Tabor - só então se tornará plenamente compreensível: "Não conteis a ninguém ... até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos" (Mt. 17,9).

4. "Escutai-O".

Um tal apelo está contido na "voz vinda da nuvem". Na segunda Carta a Timóteo, São Paulo parece fazer referência a este apelo.

Deus "nos salvou e nos chamou para a santidade ... em virtude ... da Sua graça, que nos foi dada em Jesus Cristo" (2 Tim. 1,9).

A Transfiguração no monte não é porventura uma revelação dessa graça? Ela, escreve o Apóstolo, foi dada em Cristo: "Antes de todos os séculos e que agora se manifestou com a aparição do nosso Salvador: que destruiu a morte e irradiou luz de vida e imortalidade por meio do Evangelho" (2 Tim. 1,9-10).

Esta luz do Evangelho está em tudo o que Jesus "fez e ensinou" (cf. At. 1,1) - mas, de modo pleno e definitivo, está nos acontecimentos pascais da Cruz e da Ressurreição. Quando Cristo "destruiu a morte" também "irradiou luz de vida e imortalidade" em toda a plenitude da sua missão. Em toda a plenitude da verdade salvífica dada por Deus à humanidade.

A Transfiguração constitui como que um etapa especial do caminho que conduz a esta plenitude. Um seu particular antegozo.

5. A Paróquia é o lugar, é o ambiente onde o Povo de Deus, continuando pelo caminho da fé - iniciado por Abraão - acolhe o apelo da Transfiguração. Ela procura seguir Jesus, segundo as palavras pronunciadas no monte: "Escutai-O, Procura absorver a luz com que Cristo fez irradiar luz de vida e imortalidade por meio do Evangelho (cf. 2 Tim. 1,10), e de modo particular mediante o mistério pascal da sua Cruz e da Ressurreição.

6. Caros Irmãos e Irmãs! Precisamente o mistério da Cruz e da Ressurreição foi intensamente vivido pela Padroeira da vossa comunidade paroquial, Santa Maria Madalena de Pazzi.

Nascida em 1566 de uma das mais ilustres famílias de Florença, que tinha dado à Igreja e à sociedade notáveis figuras de Bispos, literatos e guerreiros, Catarina de Pazzi, ainda jovencinha, deixou tudo para se consagrar à vida religiosa no mosteiro das Irmãs Carmelitanas. Mas não renunciou à tarefa de se ocupar da situação

histórica, social e espiritual do seu tempo: disto são claro testemunho as suas corajosas cartas, na quais exortava os ilustres destinatários a sanarem os males que ameaçavam a ordem social, a dignidade humana e a integridade dos costumes. Associada à paixão de Cristo com os estigmas e com outros fenômenos místicos, atormentada no corpo por feridas dolorosíssimas, Ela encontrou o segredo da vitórias sobre o sofrimento, na contemplação de Cristo Crucificado e ressuscitado. Permaneceu célebre o seu lema: "Pati, nom mori", sofrer e não morrer.

Neste tempo da quaresma no qual a vossa comunidade paroquial se impôs um itinerário espiritual marcado pela penitência e pela conversão do coração, a figura da Irmã Maria Madalena é mais do que nunca significativa, porque ensina a fugir das vaidades ilusórias deste mundo, para seguir o caminho que conduz a Cristo, que, para restituir ao homem a plenitude da sua dignidade e da sua grandeza, não hesitou em enfrentar a paixão e a morte, e assim o associou à glória da ressurreição. Eis o mistério da Cruz e da Ressurreição, significado pela Transfiguração, na qual a Comunidade Cristã deve inspirar-se durante este tempo quaresmal. (...)

7. A minha visita à vossa Paróquia quer ser um estímulo e um encorajamento a bem continardes a atuar com entusiasmo cada vez maior para crescimento, em cada um de vós, da fé cristã e da solidariedade humana, de maneira que façais da vossa comunidade "um só coração e uma só alma" (At. 4,32), do mesmo modo como viviam as primeiras comunidades cristãs.

Mas isto exige capacidade de empenho, boa vontade e espírito de sacrifício.

8. É o que nos repete ainda São Paulo na segunda leitura desta liturgia eucarística: "*Participa comigo dos trabalhos do Evangelho, fortificado pelo poder de Deus*" (2 Tim. 1,8).

A Transfiguração foi para os três Apóstolos um semelhante apelo na perspectiva dos acontecimentos pascais já próximos.

O "sofrer pelo Evangelho" *atinge assim o seu ápice*. Contudo, da revelação do Gólgota ele passou depois para a revelação do "túmulo vazio". Jesus crucificado voltou a aparecer aos Apóstolos "transfigurado" pela ressurreição, tal como ocorrera no monte Tabor.

A partir de então a Igreja repete o mesmo apelo a todas as gerações de discípulos e de seguidores de Cristo: "participa, também tu ... dos trabalhos do Evangelho".

Repete-o hoje na vossa Paróquia dedicada a Santa Maria Madalena de Pazzi, mediante o serviço do Bispo de

Roma.

Acolhei este apelo salvífico. Ele fala de canseiras e de contrariedades mas *indica o caminho da salvação*.

Porventura não é um chamamento à salvação o inteiro Evangelho, e em particular o presente Evangelho da Transfiguração?

"Senhor, é bom estarmos aqui" (Mt. 17,4) - diz Pedro no monte Tabor. O caminho da Cruz e da Ressurreição de Cristo é, para o homem, fonte da verdade que o torna profundamente feliz.

14 - Transfiguração 1986

À paróquia romana de São Filipe Néri, no bairro de Garbatella, em 23 de fevereiro de 1986, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 2 de março de 1986, nº 9 (849), pág. 4 (96).

1. "O Senhor estabeleceu aliança com Abraão" (Gen. 15,18).

Mediante o tempo da Quaresma somos chamados de modo particular a *uma intimidade com o Deus da Aliança*. O Deus da nossa fé é Criador e Senhor do universo, é o Deus de infinita Majestade e contemporaneamente é o Deus da Aliança.

"Muitas vezes oferecestes ao homens a vossa aliança" - nós proclamamos com as palavras da quarta Oração eucarística, remontando às mesmas origens: aos progenitores, a Noé.

A Aliança com Abraão, de que fala a liturgia de hoje, é ao mesmo tempo um *novo início para a história do Povo de Deus*: "Ergue os olhos para o céu e conta as estrelas ... Será assim a tua descendência" (Gen. 15,5). Na verdade, ela é muito numerosa. Talvez a metade da humanidade, mais ainda, quem sabe (Hebreus, Muçulmanos, Cristãos) remonte à descendência espiritual de Abraão, chamado por São Paulo pai da nossa fé (cf. Rom. 4,11).

2. Durante o período da quaresma somos chamados a *renovar com Deus a Aliança*, que teve o seu início na fé de Abraão.

Esta Aliança chega à *realização definitiva em Cristo*. O Evangelho deste domingo dá testemunho disto de

modo particularmente eloqüente. Todos os anos, neste domingo da Quaresma, a Igreja leva-nos ao monte Tabor. Ali, diante dos três Apóstolos escolhidos, aparece todo o itinerário da Aliança que de Abraão conduz a Jesus de Nazaré, ao Messias. Neste caminho encontram-se Moisés e Elias, como marcos miliários da Aliança de Deus com a descendência de Abraão: eles levam *Aquele a respeito do qual o Pai diz: "Este é o Meu Filho diletto, escutai-O"* (Lc. 9,35).

Ele é a plenitude: por meio d'Ele Deus pronuncia definitivamente a Palavra da sua revelação. N'Ele estipulará a nova e eterna Aliança com o homem e com a humanidade.

3. O cumprimento da Aliança, todavia, não acontecerá no monte Tabor, ainda que os Apóstolos desejassem ali permanecer e construir três tendas: uma para Cristo, uma para Moisés e uma para Elias (cf. Lc. 9,33).

O monte Tabor é apenas o lugar do prenúncio. *O lugar da Aliança será, pelo contrário, num outro monte*. Nesse monte Cristo não será "glorificado" na transfiguração, mas será "glorificado" no máximo aniquilamento.

E então Deus, que estabelece a Aliança com Abraão, *Se revela a Si mesmo até ao fundo*. A descendência de Abraão nascida mediante a fé, há-de ser acolhida pela palavra e pelo poder *da Aliança no sangue do Cordeiro de Deus*: Tal aliança durará até ao fim do mundo.

4. No tempo da Quaresma a Igreja, guiando-nos para o monte da Transfiguração, prepara-nos para o monte da Crucifixão. De fato, na Crucifixão de Cristo, deve realizar-se a Transfiguração, à qual todos somos chamados pela palavra e pelo amor do Deus da Aliança.

Este chamamento remonta aos tempos de Abraão; todavia, este chamamento torna-se mais claro gradualmente, gradualmente atua na história da salvação. Na Cruz de Cristo ele obtém a sua plena luz e a sua realização definitiva. Com efeito, Cristo ressuscitou no mesmo lugar onde fora crucificado. Aquilo que os Apóstolos tinham apenas vislumbrado no monte Tabor, tornou-se uma realidade permanente da nova e eterna Aliança de Deus com a humanidade.

5. Esta é a *realidade pascal*. No tempo da Quaresma, somos chamados de modo particular a entrar na realidade pascal. Ela encontra-se toda em Cristo. Ao mesmo tempo, ela é totalmente *para nós*. Deve envolver-nos tal como a nuvem envolveu Pedro, Tiago e João no monte da Transfiguração (cf. Lc. 9,34).

A palavra definitiva de Deus da Aliança é precisamente esta luz: a realidade pascal que é destinada e oferecida totalmente *ao homem*.

6. Nela está contida a realização definitiva da verdade acerca da terra prometida a Abraão e à sua descendência. Esta terra tornou-se, por muitas gerações, pátria do Povo da Antiga Aliança.

Todavia o Deus da Aliança não encerra a sua promessa em nenhuma pátria terrestre individualmente. Em nenhuma habitação temporal. E nenhuma condição temporal da existência humana pode realizar a promessa de Deus a respeito daqueles que, juntamente com Cristo, foram envolvidos pelo mistério pascal.

Eis o que escreve Paulo:

Irmãos, "nós, porém, somos cidadãos do Céu e de lá esperamos o Salvador, O Senhor Jesus Cristo. Ele transformará o nosso corpo miserável, tornando-o conforme ao Seu corpo glorioso com o mesmo poder que Lhe permite sujeitar ao Seu domínio todas as coisas" (Fil. 3,20-21).

7. Somos, portanto, chamados à intimidade com o Deus da Aliança segundo toda a amplitude da sua promessa: até ao fundo, até à realização definitiva. Somos chamados a viver na perspectiva desta fé que, talvez, Abraão não conhecia ainda, mas que nos foi plenamente manifestada em Cristo Crucificado e Ressuscitado.

Talvez nenhum outro domingo da Quaresma, como de hoje, nos revele de maneira tão profunda esta perspectiva.

Ele exige também de nós, por assim dizer, uma particular tensão a ver com os olhos da fé: "creio na remissão dos pecados, creio na ressurreição da carne, creio na vida eterna".

Só deste modo encontram plena e definitiva realização as palavras pronunciadas no monte Tabor: "Mestre, é bom que continuemos aqui" (Lc. 9, 33).

Todavia, o monte Tabor constitui apenas um longínquo prenúncio. É preciso descer de lá e passar para um outro monte, o monte da Cruz e da Ressurreição. Neste monte começará a realizar-se de modo definitivo a "terra prometida". De fato, o Salmista diz: "Creio firmemente poder contemplar a bondade do Senhor na terra dos vivos" (Sl. 26/27, 13).

8. Hoje é-me dado, como Bispo de Roma, meditar estas perspectivas definitivas da nossa fé, inscritas nas palavras da liturgia quaresmal, juntamente convosco, caros Irmãos e Irmãs da Paróquia de São Felipe Neri. (...)

10. Somos o Povo de Deus da Nova Aliança: "O Senhor é a minha luz e a minha salvação". proclama o Salmista (Sl. 26/27. 1).

O Senhor é a nossa luz e a nossa salvação. Somos chamados à *intimidade com o Deus da Aliança*. Precisamente a respeito d'Ele fala o nosso coração: "*Procurai a sua face*" (Sl. 26/27. 8). Precisamente Ele é a minha luz e a minha salvação. Ele, o Deus da Aliança, congrega-nos, sempre de novo no coração do mistério pascal de Jesus Cristo: "*de quem terei eu medo?*", pergunta o Salmista (Sl. 26/217. 1). Pois bem, neste mistério salvífico o Senhor revela-se como "*baluarte da minha vida*", da vida que não pode ser tirada de ninguém. Por conseguinte: "*de quem me amedrontarei?*" (*ibid.*).

De quem?

O Apóstolo escreve: "muitos ...se comportam como *inimigos da Cruz de Cristo*" (Fil. 3, 18).

Eis o único motivo de temor: podemos separar-nos da Cruz de Cristo, podemos até mesmo tornar-nos seus inimigos.

A Quaresma é, pois, também um chamamento a libertar-se desta hostilidade. Pode haver hostilidade, pode existir indiferença, pode haver estraneidade.

É preciso superar tudo isto, libertar-se disto. *No mais íntimo de todas as vicissitudes humanas*, e de todas as experiências da nossa existência, está à nossa espera a *Cruz de Cristo*, como *sinal salvífico*: é o sinal daquele Deus que é o Deus da Aliança.

Desejaria recordar a todos, neste segundo Domingo da Quaresma, que tenham grande confiança naquele sinal mediante o qual Cristo venceu a morte e restituiu a vida a todos nós: a vida eterna.

Louvado seja Jesus Cristo!

15 - Transfiguração 1985 -

À paróquia romana de São Tarcísio, no Bairro IV Miglio Appio, em 3 de março de 1985, domingo, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 10 de março de 1985, n^o 10 (798), pág. 5 (113).

1. "Ele (Deus), que não poupou o próprio Filho, mas O entregou por todos nós ..." (Rom. 8,32).

O período da Quaresma, ainda mais do que qualquer outro, põe diante dos olhos da nossa fé e da nossa consciência esta verdade, *esta imagem de Deus*, que entrega o próprio Filho em sacrifício pelos pecados do homem. Sobre a Cruz. Na morte. Não o poupa, mas entrega-O.

Deus, no qual de modo admirável se encontram e se penetram reciprocamente a *justiça e a misericórdia*. É rigorosamente justo diante do pecado. É infinitamente misericordioso diante dos pecadores. Por isso "não poupa" o Filho. E o Filho "não se poupa" a si mesmo. Entrega-se a si próprio em sacrifício como "*Vítima Divina*" da justiça e da misericórdia.

2. Para aquele Deus, Pai e Filho, dirige-se a liturgia da Igreja na Quaresma, em particular neste domingo.

Já o demonstra a primeira leitura do Livro do Gênesis, onde - *no sacrifício de Abraão* - encontramos uma "prefiguração", isto é, uma figura e um prenúncio, em certo sentido um vago delineamento, daquele inescrutável mistério da Cruz.

Este sacrifício de Abraão é só uma prova de fé para aquele a quem o Apóstolo chamou "pai da nossa fé" (cf. Rom. 4, 11). Abraão, mediante a fé, chegou a ter um descendente e herdeiro Isaac. E também *mediante a fé* - baseando-se na obediência rigorosa para com Deus - estava pronto a oferecer em sacrifício a Deus aquele primogênito e único filho.

Dentro destes limites, Abraão-pai tem uma certa semelhança com Deus-Pai, e Isaac, o filho, é uma imagem de Cristo-Filho. *Todavia, só dentro destes limites*. No âmbito de uma prova de obediência e de sinceridade de intenção. De fato, em definitivo, Deus não permite que Abraão sacrifique Isaac. "Não levantes a tua mão sobre o menino e não lhe faças mal algum, porque sei agora que, na verdade, temes a Deus" (temer a Deus significa ter fé) "visto não me teres recusado o teu único filho" (Gen. 22, 12). E Abraão oferece em holocausto um carneiro, em substituição do seu filho.

3. *Pelo contrário o seu próprio filho "Deus não o poupou, mas entregou-O por todos nós"*. Assim anuncia São Paulo ao escrever aos Romanos. E dentro deste contexto põe-se uma série de perguntas fundamentais. Primeiro de tudo: "Se Deus é por nós, quem será contra nós?" (Rom. 8, 31). E, entregando o próprio Filho, *Deus revela que está conosco*. Revela que está pronto a perdoar-nos tudo: se nos dá o Filho em holocausto, "como não havia de nos dar também, com Ele, todas as coisas?" (Rom. 8, 32).

Deus - Pai do Filho Crucificado - é Deus "rico em misericórdia" (Ef. 2, 4). É, ao mesmo tempo, um Deus justíssimo, que tomou pessoalmente sobre si o problema da justificação do homem - do homem pecador.

E portanto o Apóstolo pergunta: "Quem acusará os eleitos de Deus? Deus, que os justifica?" (Rom. 8, 33). Sabe-se que Ele próprio justifica, isto significa que não quer acusar. Quer salvar. Não quer condenar. "Quem os condenará?" - pergunta o Apóstolo - "Cristo Jesus, que morreu, e ainda mais, que ressuscitou, Ele que está à direita de Deus, Ele que intercede por nós?" (Rom. 8, 34).

4. A liturgia da quaresma contém em si uma chamada radical em relação a cada um de nós. Meditemos até ao fundo o problema do pecado! Meditemos até ao fundo o problema da culpa do homem diante de Deus! Este problema foi ofuscado e um tanto envilecido na consciência contemporânea. A Quaresma é tempo de uma particular conversão. Converter-se quer dizer redescobrir a malícia do pecado. Redescobri-la na própria consciência. Por em ação, para este fim, todos os critérios humanos. Mas os critérios humanos aqui não bastam. O mal do pecado desvela-se na sua plenitude só quando pensamos nele à luz do mistério do Pai, "que não poupou o próprio Filho". Só então compreendemos a profundidade do mal, quando se torna evidente para nós a necessidade da justificação do pecado por parte de Deus mesmo. Só então nos aproximamos da cruz de Cristo, a fim de que se demonstre a infinidade do amor misericordioso, que realiza toda a medida da justiça e do juízo!

5. A liturgia da quaresma contém em si este convite. A este convite corresponde a Encíclica "Dives in misericordia", que pode ser lida e meditada como comentário à Liturgia da Quaresma.

Este período introduz-nos gradualmente no coração mesmo do mistério pascal. Também por isto o Evangelho do domingo hodierno apresenta a transfiguração de Cristo no monte Tabor.

O Deus de Abraão não aceitou o sacrifício da vida de Isaac. O Deus e Pai de Jesus Cristo aceita, pelo contrário, o sacrifício da vida de Seu Filho. O Pai e o Filho, neste sacrifício, começam a realizar a justificação do homem.

A fim de preparar os Apóstolos para a horrível morte de Cristo na cruz, Deus permite-lhes saborear quase antecipadamente a glória da sua ressurreição na transfiguração no monte Tabor. Ali, do centro da nuvem luminosa, ouve-se a voz do Pai (como depois do Batismo no Jordão): "Este é o Meu Filho muito amado. Ouvi-O! (Mc. 9, 7). A morte na cruz será uma prova terrível e um despojamento do Filho de Deus. Todavia tornar-se-á ao

mesmo tempo o *início de uma Nova Vida*. Cristo voltará na glória do Pai. (...)

7. A Comunidade paroquial é dotada por Deus com forças sobrenaturais que lhe permitem fazer de seu fermento em todo o âmbito do seu território para uma elevação contínua da vida moral do ambiente, apesar das dificuldades.

Sei que a vossa comunidade confia muito nos valores da liturgia, da catequese, da evangelização, Muito bem! Encorajo-vos a continuar, com renovado empenho. E sabeis esperar os frutos com paciência. O Evangelho, e em particular a liturgia de hoje, ensinam-nos que é preciso de algum modo "morrer" para dar a vida. Segundo o exemplo de Nosso Senhor. Devemos imitar o seu sacrifício, na certeza de que os resultados virão.

O sacrifício evangélico pelos irmãos não nos empobrece, mas faz-nos crescer. Não nos despoja da nossa dignidade nem dos nossos autênticos interesses; pelo contrário, despe-nos do "homem velho" e reforça em nós o "homem novo". Não receemos seguir nisto o exemplo de Nosso Senhor, de Nossa Senhora e dos Santos, e a nossa ação será extraordinariamente fecunda.

Entre os Santos, tendes como modelo, de modo especial, São Tarcísio, a quem é dedicada a vossa paróquia. Ele deu a própria vida pela Santíssima Eucaristia, porque sabia que o Pão Eucarístico é a fonte da vida. O alimento divino que o Pai nos oferece em Cristo possa confortar também a vossa ação ao serviço do Senhor e para o bem dos irmãos.

8. Caros Irmãos e Irmãs!

Desejo ardentemente que esta visita à vossa Paróquia e a comum meditação do mistério da morte salvífica do Filho de Deus *desperte em Vós uma vida de profunda fé*.

"Se Deus é por nós, quem será contra nós?"

E Deus está conosco. De fato, "não poupou o próprio Filho". E nós, correspondemos a isto? *Estamos nós com Deus* na profundidade dos nossos pensamentos, das nossas obras e da nossa consciência?

Estamos com Deus como Ele o "pede"? Ele, que entregou o próprio Filho por todos nós?"

Estamos com Deus?

16 - Transfiguração 1984

Homilia de 18 de março de 1984, domingo, dedicada aos trabalhadores para o seu Jubileu do Ano Santo, publicada no jornal *L'Osservatore Romano*, de 25 de março de 1984, nº 13 (747), pág. 7 (151).

(...)

5. *A transfiguração no monte Tabor*, que por meio da leitura do Evangelho de São Mateus nos vêm recordada pela Liturgia deste Domingo da Quaresma, constitui quase um raio especial daquela luz, que Jesus Cristo projeta sobre a vida e sobre a imortalidade do homem.

Esta é a meta, para a qual inteiras gerações do Povo de Deus vão peregrinando na fé. *São as gerações dos homens do trabalho*. E homens do trabalho eram também os três apóstolos Pedro, Tiago e João, aos quais foi dado participar do acontecimento no monte Tabor.

Mediante o Evangelho da Transfiguração, Cristo projeta uma luz particular sobre a vida e sobre a imortalidade, nas quais os homens devem tomar parte no Reino dos céus. Este Evangelho fala da elevação espiritual do homem à semelhança do Filho de Deus e da sua imortalidade em Deus. O homem alcança em Jesus Cristo esta elevação e esta dignidade. N'Ele o homem caminha para a própria imortalidade gloriosa.

A Transfiguração do Senhor prepara os Apóstolos para a *Paixão de Cristo*, mas antes de tudo para a sua *Ressurreição*.

6. Vós todos, caros Irmãos e Irmãs, que hoje participais na Eucaristia e escutais o Evangelho da Transfiguração do Senhor, revigorai a vossa fé na *elevação espiritual do homem* em Jesus Cristo. E, ao mesmo tempo, considerai o modo como *unir esta dimensão da fé* - a dimensão do Reino de Deus, na qual o Evangelho desvela diante de nós a perspectiva da imortalidade - à *dimensão do trabalho*, que desde o início é a vocação terrena do homem. Esta vocação liga-nos ao mundo e encerra-se com a perspectiva da morte.

Como unir estas duas dimensões: o *trabalho* e a *Redenção*, a *temporalidade* e a *imortalidade*?

Escutemos as palavras do apóstolo Paulo na Carta a Timóteo: "Participa comigo nos trabalhos do Evangelho, fortificado pelo poder de Deus. Ele nos salvou e nos chamou para a santidade ... em virtude do Seu desígnio e graça, que nos foi dada em Jesus Cristo ... (2 Tim. 1, 8-9).

Participa nas fadigas do Evangelho!

É precisamente este o apelo do Ano Santo da Redenção, que responde à nossa peregrinação na fé. Responde de modo particular a tua hodierna peregrinação do Jubileu extraordinário.

"Participa, também tu ... nos trabalhos do Evangelho!".

Estas duas dimensões: *a dimensão do trabalho e a dimensão da fé, não estão separadas*, assim como separadas não estão a dimensão do mundo e a dimensão do reino de Deus.

Elas foram *unidas no eterno pensamento e na eterna vontade do Criador*. Desde o início, o caminho da fé passa pelo trabalho, e o caminho do trabalho passa pela fé.

Jesus Cristo - o Filho muito amado no Qual o Pai pôs todo o Seu enlevo - confirmou-o com todo o seu evangelho do trabalho.

Portanto, não é verdade que o caminho da fé e a esperança do reino de Deus desviam o homem do trabalho. É verdadeiro o contrário: *são precisamente eles que iluminam o trabalho humano*, são eles que desvendam até ao fundo o seu sentido e o seu verdadeiro valor. É o Evangelho do trabalho, *que restitui plenamente ao homem o seu trabalho*. Só ele permite ao homem realizar-se a si mesmo, realizar-se a si mesmo como homem, enquanto com a obra das suas mãos transforma a natureza. Só ele dá ao trabalho a sua dignidade. E, ao mesmo tempo, o Evangelho conduz à meta de uma "transfiguração" mediante a qual o *trabalho participa na imortalidade do homem*, tornando-se o caminho da sua salvação.

Somente quando é de novo dado completamente ao homem em Jesus Cristo, o trabalho se torna *dom* de Deus à criatura que deve "dominar a terra" (cf. Gen. 1, 28). E de igual modo o mesmo trabalho do homem *deve tornar-se dimensão daquela terra prometida ao homem em Deus*, para a qual se dirigem as gerações do Povo de Deus, crescidas pela fé de Abraão.

7. *Caros trabalhadores e trabalhadoras, peregrinos do Ano jubilar da Redenção!* Levais convosco este dom da Palavra de Deus, que a Igreja oferece à vossa meditação neste domingo:

"Porque a palavra do Senhor é reta / e todas as Suas obras são fidelidade" (Sl. 32/33, 4).

Que a vossa presença junto dos túmulos dos Apóstolos vos aproxime *daquela justiça e daquela graça*, que nos são dadas em Jesus Cristo":

Ele ama a equidade e a justiça, / e a terra está

cheia das suas graças (*ibid.* v.5).

"Venha sobre nós , ó Senhor, o Vosso amor, / nós esperamos em Vós" (*ibid.* v. 22).

Sim, A Graça do Ano Santo da Redenção nos envolva. Sede *fortes da fé* que foi própria de todas as gerações do povo de Deus! Sede fortes do *Evangelho do trabalho* em Jesus Cristo!

17 - Transfiguração - 1982

Homilia em 6 de março de 1982, na Basílica Vaticana, no rito da ordenação episcopal de Mons. Virgílio Noé, publicada no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, 143 de março de 1982, nº 11 (641), pág. 3 (135).

"Este é o Meu Filho muito amado, Ouvi-O" (*Mc.* 9,7).

1. Esta voz desceu da nuvem luminosa, e cobriu com o seu forte som os apóstolos.

O Filho muito amado. Aquele que é "resplendor da glória do Pai e imagem da Sua substância e sustentando todas as coisas pela Sua palavra poderosa" (*Heb.* 1, 3), desvela também hoje diante de nós, que O adoramos na celebração da Eucaristia, a sua glória e o seu esplendor de Filho unigênito do Pai. Ele está aqui. Resplandecente da glória que o Pai mesmo lhe deu, antes que o mundo existisse (cf. *o.* 17, 5); coroamento supremo da revelação de Deus à humanidade; fecho da abóbada da Antiga Aliança; n'Ele encontram cumprimento a Lei e os Profetas, e d'Ele tem início a Igreja. Moisés e Elias falam com Ele, indicando a sua centralidade em toda a história da salvação; e os apóstolos assistem, embora dominados pela luz que os investe, porque nos séculos *serão eles as testemunhas, autênticas e autorizadas, da vinda do Filho, que deverão anunciar aos povos.*

"Este é o Meu Filho muito amado, Ouvi-O".

Não se apodera também de nós, neste momento, a alegria, o assombro, o temor e a admiração que invadiram naquele tempo a alma de Pedro, Tiago e João? O Filho muito amado está aqui. Também para nós. é dado a nós. Vive para nós. Vem morrer para nós. Vem dar-nos o amor do Pai e, com ele, tudo o resto. "Se Deus é por nós, quem será contra nós? Ele, que não poupou o próprio Filho, mas O entregou por todos nós, como não havia de nos dar

também, com Ele, todas as coisas?" (Rom. 8,31). Deus deu-nos-O, sacrificou-O por nós homens, levando até ao extremo cumprimento aquilo que, só como símbolo, e não até a imolação, Ele mesmo havia pedido a Abraão: "Pega no teu filho, no teu único filho, a quem tanto amas ... e o oferecerás em holocausto" (Gen. 22, 1): Deus não tem coração para pedir a Abraão, até ao extremo, a oferta do único filho que ele e tinha. Mas por nós deu o Seu Filho, Cristo nosso irmão. E Jesus oferece-se: "Ele que amara os Seus que estavam no mundo, levou até ao extremo o Seu amor por eles" (Jo. 13,1).

Desta oferta, deste dom recíproco do amor sem limites, deste amor incomparável do Pai e do Filho,, por nós, nasceu a Igreja, nasceu a Eucaristia, nasci o Sacerdócio e o Sumo Sacerdócio, nasceram os outros sacramentos e irrompeu no mundo a vida eterna.

"Este é o Meu Filho muito amado. Ouvi-O".

(...)

A luz que do Tabor ilumina a Igreja continua a irradiar-se hierarquicamente, por divino mandato e ministério, antes de tudo através da obra dos Bispos. Estamos pois também nós imersos esta tarde na nuvem luminosa, também nós com os apóstolos vemos misticamente a glória de Cristo, também nós ouvimos a voz do Pai. E conservamo-la proclamando ao mundo, como os apóstolos, como os seus sucessores nos séculos, que só Jesus é o Salvador, só Jesus é o Redentor do homem, só Ele é o Filho de Deus.

"Este é o Meu Filho muito amado. Ouvi-O".

No cumprimento do dever quotidiano não ponha à frente senão a glória do Filho muito amado de Deus. E se as nossas forças vacilam, se nos pulsa o coração ao pensar em tanta responsabilidade, confiada às nossas humildes forças, não tenhamos receio. Andemos para a frente, sempre. Trabalhem, sacrifiquemo-nos.

"Sou,, Senhor, Vosso servo, / Vosso servo e filho da Vossa serva; ... / Oferecer-Vos-ei um sacrifício de louvor; / e invocarei o nome do Senhor. Cumprirei os meus votos ao Senhor,/ na presença de todo o Seu povo, / nos átrios da casa do Senhor" (Salmo respons. Sl. 115).

Sim, venerável Irmão (Mons. Virgílio Noé); sim, veneráveis Irmãos e filhos: não tenhamos receio. O Senhor está conosco. Permaneçamos com Ele: "Oferecer-Vos-ei sacrifícios de louvor - e invocarei o nome do Senhor". Amém.

18 - Transfiguração 1981 -

À paróquia romana de Nossa Senhora de Coromoto, no domingo, 15 de março de 1981, publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português, de 22 de março de 1981, nº 12 (590), pág. 9 (161).

1. "Participa comigo dos trabalhos do Evangelho" (2 *Tim. 1, 8*).

Com estas palavras, ouvidas na segunda leitura bíblica da Liturgia hodierna, São Paulo dirige-se a Timóteo. Ao vir hoje à vossa paróquia, desejo repetir as mesmas palavras.

(...)

2. A Quaresma é apresentada na Liturgia de hoje como se fosse *semelhante a um caminho* - como aquele caminho para o qual Deus chamou Abraão.

Na primeira Leitura, de fato, escutamos as palavras do Senhor: "Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar" (*Gen. 12,1*). E Abraão pos-se a caminho sem demora, e sem outro amparo a não ser a promessa divina. Pois bem, também para nós a Quaresma é um caminho, que somos convidados a enfrentar com resolução e confiança nos projetos que Deus tem a nosso respeito. Embora a viagem seja cheia de provações, São Paulo assegura-nos, na segunda Leitura, que, assim como Timóteo, também cada um de nós é "fortificado pelo poder de Deus" (2 *Tim. 1,8*). E a terra para a qual somos encaminhados é a vida nova do cristão, vida pascal, que só pode ser realizada pelo "desígnio" e pela "graça" de Deus. Trata-se de um poder misterioso, "que nos foi dado em Jesus Cristo antes de todos os séculos, e que agora se manifestou com a aparição de Nosso Salvador, que destruiu a morte e irradiou luz de vida e imortalidade por meio do Evangelho" (*ib. 1, 9-10*). A Carta a Timóteo, em seguida, precisa que a terra da vida nova nos é dada em virtude de uma vocação misericordiosa e de uma entrega por parte de Deus, "não devido às nossas obras, mas em virtude do Seu desígnio e graça" (*ib. 1, 9*). Por conseguinte, devemos ser homens de fé, como Abraão: isto é, homens que não confiam tanto em si mesmo quanto, pelo contrário, na graça e no poder de Deus.

3. O Senhor Jesus, vivendo na terra, descobriu pessoalmente, com os seus discípulos, este caminho. Nele se verificou também aquele insólito *acontecimento*, descrito no evangelho de hoje: a transfiguração do

Senhor.

"O seu rosto resplandeceu como o Sol e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. Nisto, apareceram Moisés e Elias a conversar com Ele" (Mt. 17, 2-3). Mas no centro do acontecimento há as palavras divinas, que lhe conferem o seu verdadeiro significado: "Este é o Meu Filho muito amado, no Qual pus todo o meu enlevo: escutai-O" (ib. 17,5). Compreendemos assim que se trata de uma cristofania; isto é, a transfiguração representa a revelação do Filho de Deus, do qual a narração põe em luz algumas coisas: a glória, em virtude do esplendor alcançado; a centralidade e quase o compêndio da história da salvação, significados da presença de Moisés e de Elias; a autoridade profética, legitimamente proposta pelo convite peremptório: "Escutai-O"; e sobretudo a qualificação de "Filho", que acentua as estreitas e únicas relações existentes entre Jesus e o Pai celeste.

As palavras da transfiguração, além disso, repetem as já presentes na narração do batismo no Jordão, quase a significar que também depois de ter percorrido um caminho preciso na sua vida pública, Jesus permanece o mesmo "Filho predileto", como já tinha sido proclamado no início.

Os apóstolos manifestam a própria felicidade: "É bom estarmos aqui" (Mt. 27,4). Mas Cristo dá a saber que o acontecimento do monte Tabor se encontra apenas no caminho para a revelação do mistério pascal: "Não conteis a ninguém o que acabastes de ver, até que o Filho do Homem ressuscite dos mortos" (Mt. 17,9).

O caminho da Quaresma, que o Senhor Jesus percorreu, durante a sua vida na terra, juntamente com os discípulos, continua a percorrê-lo com a Igreja. A Quaresma é o período de uma presença de Cristo, particularmente intensa, na vida da Igreja.

4. É necessário, pois, procurarmos, de modo especial neste tempo, a vizinhança de Cristo: "É bom estarmos aqui" (Mt. 17,4). E preciso vivermos em intimidade com Ele; abriremos-Lhe o próprio coração, a própria consciência; falar com Ele assim, como ouvimos no Salmo Responsorial da Liturgia hodierna: "Desça sobre nós, Senhor, a vossa misericórdia, / segundo a esperança que temos em Vós" (Sl. 32, 22).

A Quaresma é precisamente um período em que a graça deve estar de modo particular "sobre nós". Para isto, é necessário que nos abramos simplesmente a ela: de fato, a graça de Deus não é tanto objeto de conquista, quanto de aceitação disponível e generosa, como para uma oferta, sem interpor impedimentos. Concretamente isto é possível, antes de tudo mediante uma atitude de profunda oração, que precisamente comporta o entrecruzar-se de um diálogo com o Senhor; depois, mediante uma atitude de sincera humildade, porque a fé é exatamente a adesão da mente e

do coração à Palavra de Deus: e, por fim, mediante um comportamento de autêntica caridade, que deixe transparecer todo o amor, do qual nós mesmos já fomos tornados objeto por parte do Senhor.

5. Como Abraão, a quem Deus mandou se pusesse a caminho, também nós *nos encaminhamos*, de novo, por este caminho da Quaresma, no fim do qual está a Ressurreição.

Vê-se a Cristo, o Filho muito amado, no Qual o Pai pôs todo o seu enlevo (cf. *Mt.* 17,5).

Vê-se a Cristo, que destrói a morte e irradia luz de vida e imortalidade por meio do Evangelho (cf. *2 Tim.* 1, 10).

E portanto: fortificados pelo poder de Deus, devemos tomar parte nas fadigas e nas contrariedades suportadas pelo Evangelho! (cf. *ib.* 1,8).

Estas palavras da Carta a Timóteo desvelam também um nobre e empenhativo programa para cada cristão na sua vida de cada dia. É o programa da evangelização, ou seja, de se participar na difusão da mensagem evangélica. Como Cristo "irradiou luz de vida e imortalidade por meio do Evangelho" (*ib.* 1,10), assim devemos fazer também nós; assim deve fazer a Paróquia inteira. Isto é, trata-se de mostrar à sociedade e ao mundo que o Evangelho, com a sua luz projetada sobre o caminho da humanidade (cf. *Sl.* 119,105), é fonte de vida, e de vida imortal. É necessário que o cristão mostre a todos a verdade da exclamação de Pedro: "Senhor, para quem havemos de ir? Tu tens palavras de vida eterna" (*Jo.* 6,68). Os homens deveriam compreender que, aderindo a Cristo não só não têm nada a perder, mas tudo a ganhar, porque com Cristo o homem torna-se mais homem (cf. *Gaudium et Spes*, 41). Mas para isto é-lhes necessário um testemunho; e este só o podem dar os discípulos mesmos de Jesus, ou seja os cristãos, aos quais já São Paulo escrevia: "Deveis brilhar como astros no mundo, ostentando a Palavra de vida" (*Fl.* 2, 15-16).

Isto pode fazer-se em milhares de modos, segundo as várias ocupações de cada um: em casa e no mercado, na escola e na fábrica, no trabalho e no tempo livre.

E como Jesus Cristo é o "Primogênito de muitos irmãos" (*Rom.* 8,29), esperamos e pedimos que, assimilando-nos a Ele, também nós passamos ser incluídos por Deus entre os seus filhos muito amados (cf. *Mt.* 17,5).

Amém.

19 - Transfiguração 1980 - publicado no jornal *L'Osservatore Romano*, edição semanal em português n. 10 (536) de 9 de março de 1980, pág. 9 (11).

- Respondamos à pergunta sobre o que significa escutar a Cristo -

No domingo, 2 de março de 1980, o Santo Padre visitou a paróquia de São Roberto Belarmino, no bairro de Prioli. Durante a celebração eucarística, que viu reunida à roda do altar grande parte dos paroquianos, João Paulo II fez a seguinte homilia:

1. *"Este é o Meu Filho dileto, escutai-O" (Lc. 9, 33).* Com estas palavras da liturgia de hoje dirijo a minha saudação a toda a paróquia de São Roberto Belarmino, que me é dado visitar neste dia, segundo Domingo da Quaresma. Venho ter convosco na qualidade de Bispo de Roma, herdada dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, e venho dentro do espírito destas palavras que um dia os Apóstolos ouviram no monte da Transfiguração (...).

2. *"Este é o Meu Filho dileto, escutai-O".*

Ouvimos estas palavras no momento em que Pedro, João e Tiago, os Apóstolos escolhidos por Cristo, se encontram no monte Tabor, no momento da Transfiguração: *Enquanto orava, modificou-se o aspecto do Seu rosto e as vestes tornaram-se-Lhe de brancura fulgurante. E dois homens conversavam com Ele: Moisés e Elias (Lc. 9, 29-30).*

É portanto um momento insólito. Momento quando, em certo sentido, Cristo deseja dizer ainda *alguma coisa mais* aos Apóstolos sobre Si mesmo e sobre a Sua missão. E não nos esqueçamos que se trata dos mesmos três Apóstolos que Jesus, passado algum tempo, levará consigo ao Getsemani, para serem testemunhas de Ele se encontrar dominado pela angústia do espírito e aparecer no Seu rosto o suor de sangue (*Mc. 14, 33; Lc. 22, 44*). No monte Tabor somos, porém, testemunhas também nós com eles, da exaltação glorificadora de Cristo naquele Seu aspecto humano, no qual O puderam ver na terra os Apóstolos e as multidões.

"Este é o Meu Filho escolhido, escutai-O".

3. Quando o Pai vem naquela Voz misteriosa, do Alto, presta testemunho ao Filho e, ao mesmo tempo, dá-nos a conhecer que n'Ele e por Ele - por Ele e n'Ele - se encerra a *nova e definitiva Aliança com o homem*. Esta Aliança fora outrora concluída com Abraão, que é o pai da nossa fé (como diz São Paulo, *Rom. 4, 11*): e este foi o início da antiga Aliança. Todavia a Aliança fora

concluída ainda antes com Adão, com o primeiro Adão (como lhe chama São Paulo, 1 Cor. 15, 45) mas, não sendo mantida depois pelos nossos progenitores, esperava ela Cristo - o segundo, o último Adão (1 Cor. 15, 45) - , para adquirir n"Ele e por Ele - por Ele e n"Ele - a sua definitiva e perfeita forma.

Deus-Pai conclui a Aliança com o homem, com a humanidade do Seu Filho. É este o auge da Economia da salvação, da revelação do Divino Amor para com o homem. A Aliança foi concluída para que, em Deus-Filho, os seres humanos se tornassem filhos de Deus. Cristo "deu-nos o poder de nos tornarmos filhos de Deus" (Jo. 1, 12), sem olhar a raça, a língua, nacionalidade e sexo. *Já não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há homem nem mulher, pois todos somos um só em Cristo Jesus (Gal. 3,18).*

Cristo revela a cada homem a dignidade de filho adotivo de Deus, dignidade a que está ligada a sua suprema vocação; terrestre e eterna. *Nós somos cidadão do Céu - escreverá São Paulo aos Filipenses - e de lá esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo. Ele transformará o nosso corpo miserável, tornando-o conforme ao Seu corpo glorioso, com o mesmo poder que Lhe permite sujeitar ao Seu domínio todas as coisas (Flp. 3, 20-21).*

E esta obra da Aliança - a obra de levar o homem à dignidade de filho adotivo (ou filha) de Deus - realiza-a Cristo *de modo definitivo por meio da Cruz.* Esta é a verdade que a Igreja, no presente período da Quaresma, deseja por em realce de modo especial: sem a Cruz de Cristo não existe aquela suprema elevação do homem.

Donde derivam também as palavras duras do Apóstolo na segunda leitura de hoje acerca daqueles que *se portam como inimigos da cruz de Cristo ... pois o seu deus é o ventre (flp. 3, 18-19)* (quer dizer, para quem a temporalidade é a única coisa a ter valor de proveito material e de utilidade). O Apóstolo fala destes *com as lágrimas nos olhos (Flp. 3, 18).* Experimentemos perguntar-nos se estas lágrimas do Apóstolo das Gentes não dizem também respeito a nós, à nossa época histórica, ao homem dos nossos tempos. Pensemos nisto e perguntemo-nos se, também na nossa geração, não cresce certa *hostilidade à Cruz de Cristo, ao Evangelho - talvez só indiferença que, por vezes, é pior que hostilidade ...*

4. A voz do Alto diz: "Este é o Meu Filho dileto, escutai-O".

Que significa: escutar a Cristo?

É pergunta que não pode deixar um cristão desinteressado. Nem o seu conhecimento. Nem a sua consciência. Que significa escutar a Cristo?

Toda a Igreja deve dar sempre resposta a esta pergunta na medida das gerações, das épocas, das condições sociais, económicas e políticas, que variam. A resposta de ser autêntica, deve ser sincera - assim como autêntico e sincero é o ensinamento de Cristo, o seu Evangelho, e depois o Getsemani, a cruz e a Ressurreição.

E cada um de nós deve sempre dar resposta a esta pergunta: se o seu cristianismo, se a sua vida são conformes à fé, se são autênticos e sinceros. Deve dar esta resposta se não quer arriscar-se a ter como deus o próprio ventre (*Flp. 3, 19*). - e portar-se ele mesmo como inimigo da *cruz de Cristo* (*Flp. 3, 18*).

A resposta será *cada vez um pouco diversa*: diversa será a resposta do pai e da mãe de família, diversa a dos noivos, diversa a da criança, diversa a do rapaz e a da jovem, diversa a do ancião, diversa a do doente preso ao leito de dor, diversa a do homem da ciência, da política, da cultura e da economia, diversa a do homem da pesada labuta física, diversa a da irmã e a do irmão religioso, diversa a do sacerdote, do pastor de almas, do Bispo e do Papa ...

E embora estas respostas tenham de ser tantas, quantos são os homens que confessam Cristo - *todavia em certo sentido* será *única*, caracterizada pela interna semelhança com Aquele, que o Pai Celeste nos recomendou escutássemos ("escutai-O"). Assim como diz de novo São Paulo *Sede meus imitadores ...* (*Flp. 3, 27*) e noutra passagem *como eu o sou de Cristo* (*1 Cor. 11,1*).

Ora, permiti-me, caros irmãos e irmãs, que eu me detenha aqui, para vos recordar esta pergunta: Que significa escutar a Cristo? *E com esta pergunta vos deixarei por toda a Quaresma*. Não vos dou nenhuma resposta excessivamente particularizada, peço-vos só que se faça cada um constantemente esta pergunta: Que significa escutar a Cristo na minha vida? Esta pergunta faça-a toda a Paróquia - e nela cada comunidade particular.

5. E acrescento ainda - seguindo a liturgia de hoje - que escutar a Cristo, que é o predileto Filho do Eterno Pai, constitui ao mesmo tempo a fonte *daquela esperança e alegria*, de que nos fala esplendidamente o Salmo da liturgia de hoje:

O Senhor é a minha luz e salvação; / a quem temerei? / o Senhor é a defesa da minha vida; / quem me fará tremer? (Sl. 26/27, 1).

Daqui nasce o constante *motivo da aspiração espiritual*:

Escutai-me, Senhor, eu clamo! / Por piedade, respondei-me! / Segredou-me o coração: / "Procura a Sua

face!" (Sl 26/27, 7-8).

Procurar a face de Deus - aqui está a direção que imprime Cristo à vida humana:

É, Senhor, o Vosso rosto que eu procuro. / Não escondais de mim o Vosso rosto / nem rejeiteis, com ira, o Vosso servo (Sl. 26/27. 8-9).

Continuando nesta direção, o homem não se fecha nos limites da sua temporalidade. vive na grande perspectiva.

Espero a dita de ver a vontade do Senhor / na terra dos vivos. / Coragem! Tem esperança no Senhor! / Coração firme! Espera em Deus ! (sl. 26/27, 13-14).

Sim, espera em Deus!

Amém.

20 - Transfiguração 1999 - Conhecer profundamente o Senhor e converter-se ao Seu amor

Homilia do Santo Padre na Missa celebrada na Paróquia de Santa Maria "Stella Maris" (L'Osservatore Romano - 6 de Março de 1999)

Conhecer profundamente o Senhor e converter-se ao Seu amor

Coube à Paróquia romana de Santa Maria "Stella Maris" receber no domingo, 28 de Fevereiro, a Visita pastoral de João Paulo II. Essa comunidade está situada no Setor Sul da Diocese de Roma, na região de Óstia Lido, e abrange no seu território cerca de cinco mil famílias. Extraordinário, o trabalho de Voluntariado dos leigos, partilhado sobretudo pela presença de muitos jovens na obra de evangelização e de promoção humana. As prioridades pastorais da comunidade estão voltadas para a catequese, a participação litúrgica e o espírito de solidariedade.

Após o acolhimento caloroso de um grupo de crianças, o Papa presidiu á Concelebração da Eucaristia e, em seguida, encontrou-se com os vários grupos paroquiais para lhes dirigir uma palavra de exortação e encorajamento.

Eis o texto da homilia pronunciada pelo Santo Padre:

1. "Este é o Meu Filho muito amado, no Qual pus todo o Meu enlevo; escutai-O" (Mt 17, 5).

O convite dirigido pelo Pai aos discípulos, testemunhas privilegiadas do extraordinário evento da transfiguração, ressoa ainda hoje para nós e para a Igreja inteira.

Como Pedro, Tiago e João, também nós somos convidados a subir ao Monte Tabor juntamente com Jesus, e a deixar-nos deslumbrar pela Sua glória. Neste segundo domingo da Quaresma, contemplamos Cristo envolvido de luz, em companhia dos autorizados porta-vozes do Antigo Testamento, Moisés e Elias. A Ele renovamos a nossa adesão pessoal: Ele é o "Filho predileto" do Pai.

Escutai-O! Este premente apelo impele-nos a intensificar o caminho quaresmal. É um convite a deixar que a luz de Cristo ilumine a nossa vida e nos comunique a força para anunciarmos e testemunharmos o Evangelho aos irmãos. É um empenho que, como bem sabemos, comporta às vezes não poucas dificuldades e sofrimentos. Sublinha-o também São Paulo ao dirigir-se a Timóteo, discípulo fiel: "Participa comigo nos trabalhos do Evangelho" (2 Tm 1, 8).

A experiência da transfiguração de Jesus prepara os Apóstolos para enfrentarem os dramáticos eventos do Calvário, apresentando-lhes, com antecipação, aquela que ser a plena e definitiva revelação da glória do Mestre no Mistério pascal. Ao meditarmos esta página evangélica, preparamo-nos para reviver, também nós, os eventos decisivos da morte e ressurreição do Senhor, seguindo-O no caminho da cruz para chegarmos ... luz e ... glória. Com efeito, "se através da paixão podemos chegar com Ele ao triunfo da ressurreição" (Prefácio).

2. Caríssimos Irmãos e Irmãs da paróquia de Santa Maria "Stella Maris"! Hoje é-me grato ser hóspede da vossa bonita Comunidade que, embora do ponto de vista geográfico se encontre distante da casa do Bispo de Roma, entretanto está sempre muito próxima do seu coração de Pastor e presente nas suas orações, juntamente com todas as outras paróquias romanas.

Saúdo com afeto o Cardeal Vigário e o Bispo Auxiliar do Setor. Não podemos esquecer que durante muitos anos exerceu esta tarefa D. Riva, agora adoentado.

Oremos pela sua saúde. De igual modo saúdo o vosso querido Pároco, Padre Francesco Dell'Uomo, os Sacerdotes seus colaboradores e vós aqui presentes. Dirijo um particular pensamento a todos os habitantes de Óstia.

A minha saudação dirige-se depois aos grupos que se reúnem na paróquia e compartilham o caminho de formação e de catequese, com o fundamental objetivo de aprender a viver sempre mais, na vida quotidiana, a profundidade do Evangelho. É onde se estuda, se vive, se trabalha e se sofre que se sente em maior medida a necessidade de testemunhar, com gestos concretos, o alegre anúncio da salvação.

3. A vós, caros jovens, dirige-se o meu cordial encorajamento a continuar o vosso itinerário espiritual, pessoal e de grupo, para crescerdes na consciência de ser Igreja. A minha presença, hoje, quer ser um convite para todos, mas de modo especial para vós, queridos jovens e moças, a serdes apóstolos de Cristo nesta zona, a fim de que a mensagem evangélica seja fermento de progresso autêntico e de fraternidade solidária.

Caros Jovens! O Papa tem confiança em vós e convida-vos a levar, com o impulso e a sinceridade que vos caracterizam, o Evangelho ao novo milênio cada vez mais próximo. O Dia Mundial da Juventude do Ano 2000, que ter lugar em Roma em Agosto do Ano Santo, veja também vós, jovens desta paróquia, predispostos a acolher os vossos coetâneos provenientes de diversas Nações do mundo. Estai prontos a compartilhar com os vossos irmãos e irmãs a vida de cada dia na escola, nos lugares de encontro e de sadio divertimento, a única fé em Cristo Redentor do homem e a alegria de estardes unidos no abraço da mesma Igreja, fundada sobre o testemunho dos apóstolos Pedro e Paulo. Senti-vos "missionários" de fidelidade e de esperança nesta Igreja que é a vossa, no interior da qual cada um tem uma própria missão a realizar.

4. Caríssimos Paroquianos de Santa Maria "Stella Maris", sei que na vossa Comunidade, reservado um singular cuidado à celebração do sacramento da Penitência ou Confissão. Isto muito me alegra e por isto dou graças ao Senhor. Neste "tempo forte" da Quaresma, que se tornou ainda mais intenso pela coincidência com o ano dedicado à reflexão sobre Deus Pai, renovo cordialmente a exortação a aproximar-se com confiança deste Sacramento de cura espiritual. De modo sacramental, ele torna atual para cada um o apelo de Jesus à conversão e o caminho de retorno ao Pai, do qual o homem se afasta com o pecado. Como recorda o Catecismo da Igreja Católica, este Sacramento está orientado para consagrar o

caminho pessoal e eclesial de arrependimento e de conversão do cristão pecador (cf. n. 1423).

A fim de que o sacramento da Penitência seja celebrado de modo verdadeiro, é necessário porém que a confissão dos pecados nasça de um confronto sério e atento com a Palavra de Deus e com um contacto vivo com a pessoa de Cristo. Para isto, requer-se uma apropriada catequese que, como recorda o Catecismo, tem a finalidade de nos pôr em comunhão com Jesus, o único que nos pode levar ao amor do Pai, no Espírito Santo, introduzindo-nos na vida mesma da Santíssima Trindade (cf. n. 426).

5. Ó Deus, "que nos destes a alegria de caminhar à luz do Evangelho, abri-nos à escuta do vosso Filho" (Coleta). Assim oramos no início da nossa celebração eucarística. A atividade pastoral está inteiramente orientada para esta abertura do espírito, a fim de que o crente escute a palavra do Senhor e acolha com docilidade a Sua vontade. Escutar realmente a Deus significa ser-Lhe obediente. Daqui provém o vigor apostólico indispensável para evangelizar: só quem conhece profundamente o Senhor e se converte ao Seu amor poder tornar-se arauto e testemunha corajosa em qualquer circunstância.

Não é precisamente do conhecer Cristo, a sua pessoa, o seu amor e a sua verdade, que brota em quantos fazem experiência pessoal d'Ele um irresistível desejo de O anunciar a todos, de evangelizar e conduzir também os outros à descoberta da fé? De coração faço votos por que cada um de vós se deixe animar cada vez mais por este anseio por Cristo, fonte de autêntico espírito missionário.

6. "Abraão partiu como o Senhor lhe dissera" (Gn 12, 4).

Exemplo e modelo do crente, Abraão confia em Deus. Chamado por Javé ele deixa a própria terra, com todas as seguranças que comporta, sustentado apenas pela fé e pela obediência confiante ao seu Senhor. Deus exige dele o "risco" da fé e ele obedece, tornando-se assim, na fé, pai de todos os crentes.

Como Abraão, também nós queremos prosseguir o nosso caminho quaresmal, renunciando às nossas seguranças e abandonando-nos à vontade divina. Anima-nos a certeza de que o Senhor, fiel às Suas promessas, apesar das nossas debilidades e dos nossos pecados.

Com espírito autenticamente penitencial,

façamos nossas as palavras do Salmo responsorial:
"A minha alma espera no Senhor... A vossa graça,
Senhor, esteja sobre nós, porque em Vós esperamos".

Virgem, Estrela da evangelização, ajuda-nos a acolher as palavras do teu Filho, para com generosidade e coerência as anunciarmos aos nossos irmãos. Maria, Estrela do Mar, protege esta Comunidade paroquial, os habitantes de Óstia e a inteira Diocese de Roma!

Amém!

21 - CATEQUESE - Alocução da Audiência geral de quarta-feira, 26 de Abril de 2000 - OR n. 18 - 29-4-200 p. 12

A glória da Trindade na Transfiguração

1. Nesta Oitava de Páscoa, considerada como um único grande dia, a liturgia repete sem se cansar o anúncio da ressurreição: «Verdadeiramente Jesus ressuscitou!» Este nuncio abre um novo horizonte à humanidade inteira. Na ressurreição torna-se realidade tudo o que durante a Transfiguração no Tabor estava misteriosamente oculto. Naquela ocasião, o Salvador revelava a Pedro, Tiago e João o prodígio de glória e de luz selado pela voz do Pai: «Este é o Meu Filho amado!» (Mc 9, 7).

Na festa da Páscoa, estas palavras mostram-se na sua plenitude de verdade. O Filho predileto do Pai, Cristo crucificado e morto, ressuscitou para nós. Na sua luz nós, crentes, vemos a luz e, «elevados pelo Espírito - como afirma a liturgia da Igreja do Oriente - cantamos a Trindade consubstancial em todos os séculos» (*Grandes Vésperas da Transfiguração de Cristo*). Com o coração repleto de alegria pascal subimos hoje idealmente ao monte santo, que domina sobre a planície da Galiléia, para contemplar o acontecimento que ali se realizou, antecipando os eventos pascais.

2. Cristo está no centro da Transfiguração. Para Ele convergem duas testemunhas da Primeira Aliança: Moisés, mediador da Lei, e Elias, profeta do Deus vivo. A divindade de Cristo, proclamada pela voz do Pai, é também revelada pelos símbolos que Marcos caracteriza com o seu estilo pitoresco. De fato, há uma luz e uma pureza que representam a eternidade e a transcendência. «As suas vestes ficaram brilhantes e tão

brancas, como nenhuma lavadeira do mundo as poderia branquear» (Mc 9, 3). Depois, há a nuvem, sinal da presença de Deus no caminho do Êxodo de Israel e na tenda da Aliança (cf. Ex 13, 21-22; 14, 19.24; 40, 34.38).

A liturgia Oriental canta ainda no Ofício das matinas da Transfiguração: «Luz imutável da luz do Pai, o Verbo, na tua brilhante luz nós hoje vimos no Tabor a luz que é o Pai e a luz que é o Espírito, luz que ilumina toda a criatura».

3. Este texto litúrgico ressalta a dimensão trinitária da transfiguração de Cristo no monte. Com efeito, é explícita a presença do Pai com a sua voz reveladora. A tradição cristã entrevê implicitamente também a presença do Espírito Santo, na esteira do acontecimento paralelo do Batismo no Jordão, onde o Espírito Santo desceu sobre Cristo em forma de pomba (cf. Mc 1, 10). De fato, o mandamento dado pelo Pai: «Escutai o que Ele diz» (Mc 9, 7) pressupõe que Jesus esteja repleto do Espírito Santo, de maneira que as suas palavras sejam «espírito de vida» (Jo 6, 63; cf. 3,34-35).

Por conseguinte, é possível subir ao monte para se deter, contemplar e se imergir no mistério de luz de Deus. No Tabor estão representados todos os montes que nos conduzem a Deus, de acordo com uma imagem querida aos místicos. Outro texto da Igreja do Oriente convida-nos a esta ascensão para o alto rumo à luz: «Vinde povos, segui-me! Subamos ao monte santo e celeste, detenhamo-nos espiritualmente na cidade do Deus vivo e contemplemos em espírito a divindade do Pai e do Espírito que resplandece no Filho unigênito» (tropário na conclusão do *Cânone de S. João Damasceno*).

4. Na Transfiguração contemplamos não só o mistério de Deus, passando de luz em luz (cf. Sl 36, 10), mas somos também convidados a ouvir a palavra divina que se dirige a nós. Acima da palavra da Lei em Moisés e da profecia em Elias, ressoa a palavra do Pai que remete para a do Filho, como acabei de recordar. Ao apresentar o «Filho predileto», o Pai acrescenta o convite a escutá-lo (cf. Mc 9, 7).

Ao comentar a cena da Transfiguração, a Segunda Carta de Pedro põe em grande evidência a voz divina. Jesus Cristo «recebeu de Deus Pai a honra e a glória, quando uma voz vinda da Sua Glória Lhe disse: "Este é o Meu Filho amado: n'Ele encontro o Meu agrado". Esta voz veio do céu e nós próprios a ouvimos quando estávamos com Ele no monte santo. Por isso, acreditamos com mais firmeza na palavra dos profetas.

E vós fazeis bem em considerá-la como

uma luz que brilha num lugar escuro, até que venha o dia em que a estrela da manhã brilhe nos vossos corações» (2 Pd 1, 17-19).

5. Visão e escuta, contemplação e obediência são, portanto, os caminhos que nos levam ao monte santo no qual a Trindade se revela na glória do Filho.

«A Transfiguração dá-nos um antegozo da vinda gloriosa de Cristo "que transformará o nosso corpo miserável para o conformar ao seu corpo glorioso" (Fl 3, 21).

Mas lembra-nos também que teremos de passar por muitas tribulações para entrar no Reino de Deus.(Act 14, 22)» (CIC 556). A liturgia da Transfiguração, como sugere a espiritualidade da Igreja do Oriente, apresenta nos três apóstolos Pedro, Tiago e João, uma «tríade» humana que contempla a Trindade divina. Como os três jovens da fornalha ardente do livro de Daniel (3, 51-90), a liturgia «abençoa Deus Pai Criador, canta o Verbo que desceu em sua ajuda e transforma o fogo em orvalho, e exalta o Espírito Santo que a todos dá a vida nos séculos» (*Ofício das matinas da festa da Transfiguração*).

Também nós agora rezamos a Cristo transfigurado com as palavras do *Cânone de S. João Damasceno*: «Seduziste-me com o desejo de ti, ó Cristo, e transformaste-me com o teu amor divino. Queima os meus pecados com o fogo imaterial e digna-te encher-me da tua doçura para que, transbordando de alegria, eu exalte as tuas manifestações».